VOLUME XI ☼ ANNO 1907

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Getty Research Institute

https://archive.org/details/cosmos11unse

BIBLIOTHECA MAGAZINE POPULAR ILLUSTRADA

Director e Administrador — ADOLPHO DE MENDONÇA — Editor e Proprietario

Composto e impresso na typographia Rua do Corpo Santo, 46 e 48

COSMOS

VOLUME XI

1907

TYPOGRAPHIA ADOLPHO DE MENDONÇA

46, RUA DO CORPO SANTO, 48

LISBOA

THE J. PAUL GETTY CENTER
LIBRARY

O Evangelho da desgraça

Era uma criança linda, linda como os amores. Os movimentos impensados da infancia davam-lhe a cada instante uma nova expressão de candura, faziam amal-a, beijal-a. Ella não sabia que estava sósinha no mundo; a pomba não tinha a aza maternal sob que se occultasse, quando viesse o abutre pairando para arrebatal-a. Ria, descuidada.

A graça com que saltava! Parecia um pequeno gato quando brinca.

Faltava-lhe pae e mãe que lhe soubessem interpretar todos os requebros, a meiguice das palavras apenas balbuciadas, adivinhar seus medos, aspirar-lhe os risos, unir-se ás suas alegrias, beber-lhe as lagrimas sem motivo.

Era uma florsinha nascida á beira da estrada, exposta aos ventos da noite, ao rigor das calmas, ao tropel dos que passam, banhada de perfumes que ninguem vem respirar, derramados ao capricho das virações. Pobre filha! Como estas plantas que se es-

tiolam e seccam, mal rebenta o gomo que as hade substituir, a mãe morrera ao trazel-a á luz; com ella se foram para a cova todos os carinhos que nos embalam e fazem esquecer as dôres por onde se nos dá a conhecer a vida.

Sem mãe!

Ninguem sabe o que é vêr descer a noite negra, e as crianças que brincavam comnosco cairem de cansadas em um regaço que acalenta, ouvir as cantigas que as adormecem e lhes afastam o medo; e não saber porque não temos aquillo tambem, não haver quem nos chame, nos falle e nos conte maravilhas, e nos esconda no calor benigno de um seio que bate por nós. A orphandade! E depois quando os primeiros alvores da mocidade começam a doirar-nos a existencia, a acordar a um tempo todos os sentimentos bons e santos, não ter quem nos descubra e faça presentir as sarças que nos podem prender, as torrentes que nos podem levar, os abysmos em que se póde cair. Uma mãe! Ella nos ensina e nos faz bons com o seu amor.

E se o amor inconsiderado da gloria nos arrasta, se a vertigem de alcançal-a dá coragem para affrontar o impossivel, sacrificar a vida por um fumo que o tempo dissipa, feliz de quem tem uma lagrima na vida que nos ensine o que ella vale, para não dal-a por tão pouco.

Mas a pobre criança na sua ignorancia ditosa não sabia d'isto; brincava sósinha, aprendia a ser mãe. Que affagos perdidos com a boneca que embalava ao seio, que beijava, vestia e despia, fallando com uma

ternura que ella adivinhava, porque nunca no mundo ninguem lh'a havia dado, ensinado.

Aos sete annos perdeu seu pae; era pescador. Elle e a sua barca desappareceram em uma noite de temporal. Costumada a vêl-o poucas vezes, a criança não deu pela falta; esqueceu-se de que tinha pae, como se acostumára á falta dos desvellos de sua mãe. O pescador, quando ia para a costa deixava-a sempre em casa de uma visinha, com quem distribuia os diminutos ganhos que apurava. Esta visinha era como todas as pessoas que resam muito com a mira no céo, e de tal fórma se tornam refractarias a todo o sentimento, sem affeição a ninguem, incapazes de uma generosidade; então para as crianças, que não comprehendem, são mais aterradoras que um mestre de meninos. Quando a visinha soube da morte do pescador, carpiu, deplorou, sem saber como subtrahir-se ao encargo da abandonada criança. Se até ali o nimio descuido e desmazello eram providenciaes, porque ao menos não vinham atrophiar os impulsos expansivos da infancia, d'ali em diante a visinha arrogou-se a auctoridade absoluta, expressa n'esta maxima popular — quem dá o pão dá o ensino. Mas a criança tinha um dom que a defendia de todas as atrocidades brutaes da prepotencia irresponsavel, era linda, linda!

Quantas vezes não passou pela cabeça da desalmada visinha amparal-a até á edade em que pudesse auferir um lucro criminoso d'aquella formosura angelica. Belleza funesta, que vem accumular a desgraça á indigencia, dar uma côr mais sinistra á miseria. Tinha sete annos apenas! custava tanto espe-

rar. Lembrou-se então a visinha—uma idéa luminosa que a livrou de escrupulos de consciencia e lhe asserenou o animo alvoroçado por uma caridade que a sorte lhe impuzera—a criança tinha ainda um avô do lado materno, feitor de uma rica propriedade. Era a algumas legoas de distancia; em um domingo, depois da missa da madrugada, poz-se a caminho com a pequena e foi entregal-a ao avô,

Nada mais commovente do que a infancia e a velhice quando se amam e se comprehendem; tem ambas uma frescura juvenil, o frescor dos orvalhos doirados da alvorada e da geada nocturna, a luz e sombra, formando um brando crepusculo em que se scisma, sonhando alegrias por vir e illusões que não tornam.

Não se descreve a loucura de jubilo que o velho sentiu ao vêr a criança, carne da sua carne, uma parte da sua alma, que reflorescia viçosa no engraçado renovo. Ria, chorava no seu transporte, doudo, doudo de contente ao beijal-a. Fitava-a, esquecia-se a vêr-se n'aquelle retrato, a menina dos seus olhos, como lhe chamava quando os soluços lhe não embargavam a voz.

—Eu não podia morrer, sair d'este mundo sem te vêr, minha filha! Tu bem sabias isto; foram os anjos que t'o disseram, por isso quizeste vir. Trazes-me o dia mais alegre da minha vida. Quando tua mãe nasceu foi n'um dia como este, e eu não me alegrei tanto; não me lembrava que uma filha é o melhor encanto da velhice! Estava longe da minha aldêa, muito longe, andava na guerra havia quasi um

anno, e ainda não era bem um que estava casado. Quando voltei já tua avó e tua mãe tinham morrido. Não te importam estas cousas! Tu queres brincar? Vae correr, anda á tua vontade. Como ella é tão bonita! Eu choro sem saber porquê! Tinha pedido tantas vezes ao pae que a trouxesse cá um dia. Eu não devo deixal-a ir; ella é minha agora.

Quando o velho soube que a criancinha estava completamente orphã no mundo, deu graças ao céo por lhe haver poupado a vida de tantos riscos que atravessára. Julgava-se o roble secular que protege o arbusto flexivel, quando as rajadas retouçam na floresta. Queria penetrar os designios da providencia, que o destinára no declinar dos annos para a guarda d'este thesouro de candura.

O velho, á noite, sentava-a sobre os joelhos, fallava como a uma pessoa desenvolvida, contava-lhe historias do passado, até que a adormecia, e se esquecia vellando ao pé d'ella, horas inteiras. O que lhe não contaria o velho na sua simplicidade de justo? Mutilado como estava das longas batalhas em que entrára, perguntava-lhe a criança a historia de cada cicatriz. Ella nunca vira estas disformidades nas outras pessoas e tinha medo; o velho distraia-se de continuo pintando-lhe os recontros, as contraminas, as cargas; ás vezes não fallava para ella, fallava comsigo, vehemente, exaltado, por fim ria-se de si, e acabava por beijal-a muito. Isto repetido quasi sempre ao fim da tarde, qnando o sol dardejava na aresta da montanha, e vinha de longe a toada dolorida e plangente da sineta de uma freguezia proxima.

A apparencia do velho infundia consolação; a falta de dentes dera-lhe uma disposição aos beiços desbotados de modo que parecia ter sempre um riso de mofa, inoffensivo, divertido, communicativo. Sobretudo, o que era mais sympathico na sua fealdade eram uns olhos, de pequenos, tão alegres e vivos, que pulavam, como no vigor da edade e das paixões, em umas orbitas encovadas, maceradas pela senectude. As cicatrizes das ballas e espadagadas, misturando-se com as rugas da velhice, em vez de o tornarem repulsivo, davam-lhe um aspecto attrahente, em que o bom humor que o animava deixava, reflectir um fundo de bondade, que tem quasi sempre as pessoas que soffreram bastante.

E quanto não tinha elle soffrido? Noivo, casado de um anno, viu-se forçado a abandonar seu lar, deixar a roupa de camponio pela farda apertada, a choça pela caserna, o nome por um numero, o leito fresco, cheiroso com roupas de linho, pela tarimba, e sobretudo a vida sanctificada da familia que acabava de formar em roda de si, pela guerra em que se ia confundir.

Fôra no tempo da guerra peninsular. Uma estrella funesta o acompanhou sempre, amparando-lhe a vida para soffrimentos inauditos. Nunca entrou em acção d'onde não voltasse ferido; todos galardoados sempre, d'elle ninguem se lembrava! A jovialidade davalhe forças para resistir á oppressão da injustiça. De uma vez levaram-lhe os dedos quasi todos, porque em uma carga de cavallaria teve de fazer das mãos capacete. Retalhado, calcado aos pés do esquadrão,

ainda ali a sorte acintosa o guardou para novas provações. O pobre soldado não sabia queixar-se; por fim como não pudesse dar ao gatilho, passaram-no para a artilheria.

Ahi subiu de ponto a sua infelicidade. Em uma investida a peça que descarregava esteve quasi nas mãos do inimigo; era um magnifico apresamento. Exasperado de raiva encravou-lhe o busil, para não fazer mais fogo. Depois, que a levassem os contrarios! N'isto o pelotão foi distrahido para outro lado. Julgaram então o misero soldado traidor aos seus, e descarregou-lhe o general um golpe que o estendeu por terra. Em uma nova investida dos contrarios conheceram a prudencia do artilheiro, mas deixaram-no estendido por morto; as carretas passaram por sobre elle e fracturaram-lhe as pernas. Pediu debalde aos inimigos, que iam de avançada, que o acabassem de matar. Ninguem o ouviu, com o estrepito das descargas e do rodar dos trens, o ruido da cavallaria e o echo dos clarins. Depois da batalha, quando iam atiral-o á valla, pediu que lhe poupassem a vida. Doeram-se d'elle e levaram-no.

Passados longos annos, depois de percorrer alheias terras e ter affrontado a fome e a solidão de extrangeiro, pôde voltar á sua aldeia, desacompanhado de felicidade, sem um unico signal de reconhecimento pelos serviços. A esposa que deixára um anno quasi depois de casado, tinha já morrido, deixando uma filhinha na orphandade. Ella mesma fôra crescendo, fizera-se mulher; humilde, havia dias que se casára tambem com um pobre pescador. O velho soldado

não quiz ir aguar com a sua presença a sociedade dos dois esposos; restava-lhe um antigo amigo, que ouviu attento as suas calamidades, e o convidou para tomar conta de uma rica herdade que possuia. Ao menos encontrava no fim da vida a suavidade dos campos, e a tranquilidade da solidão.

Quando se tem soffrido muito, cada momento está cheio de saudades da vida, porque o soffrimento é o signal mais certo de que se tem vivido.

Estava pois n'esse remanso o velhinho quando no desejo de ver a creança, filha de sua filha, passára annos e annos na doce espectativa. Só quando lh'a trouxeram e a beijou com a loucura de quem se sente duas vezes pae, é que soube dos novos desastres que o saltearam. Que havia de fazer senão resignar-se! Aquella planta debil e mimosa era o que lhe restava na vida; protegia-a com afan, sollicito, esmerado, como um amante, cioso de que um atomo impalpavel de pó a maculasse.

Em todos os momentos, em qualquer parte, o velho e a creança agrupavam-se tão bem, que a natureza, por mais bella e surprehendente, era sempre accessoria no fundo do quadro em que realçavam. N'este idylio encantador a creança passou a infancia mais descuidada e feliz; a liberdade dos campos, a serenidade do espirito deram-se as mãos no desenvolvimento d'ella.

Estava uma rapariga!

Linda, linda como os amores!

Quem a via esquecia-se a olhar, contemplava.

Era mais um seraphim do que uma creatura. Os

olhos tremeluziam-lhe com um fulgor metalico; pareciam nunca terem sido empanados pelas lagrimas. Cantava a toda a hora como um passarinho das balsas; mas as cantigas que modulava distraida, eram a expressão do segredo mais recondito da sua alma. Lavando na ribeira ao som da agua corrente, ouviram-lhe uma vez cantar:

Os meus olhos são dois peixes
Que nadam n'uma alagôa;
Choram lagrimas de sangue
Por uma certa pessoa.

E quem seria essa pessoa, a primeira que soube arrancar uma lagrima d'estes olhos tão puros e meigos? Maior que todos os poetas, mais do que Deus talvez, quem soube dar fórma ao sentimento d'aquelle coração virginal em uma gota de agua, uma lagrima caida, irmã gemea das que os anjos andam pelo mundo aparando em suas urnas crystalinas, para as engastarem como estrellas da noite saudosa no vacuo do firmamento. E ella cantava:

O coração e os olhos
São dois amantes leaes,
Quando o coração tem pena,
Logo os olhos dão signaes.

Ella espalhava ao vento os seus pezares, mas ninguem os percebia; o avô alegrava-se ao vel-a sempre entrar em casa cantando; mal sabia que a harmonia sonorosa era o ruido de uma grande tormenta. A pobre criança soffria muito, amava! Ha na vida do coração um momento em que todas as emoções, im-

pulsos e sentimentos se alevantam a um tempo, e vão apoz o primeiro que os acorda. São como os perfumes derramados pela primeira brisa que chega. E' como um *estado nascente* da paixão.

Don Juan sabia por certo este segredo, conhecia o momento em que todas as mulheres se perdem, porque se dão ao primeiro que apparece.

Nem ella conhecia porque amava, nem tampouco o impossivel que se erguia entre o seu amor e o nascimento desegual d'aquelle que a endoudecera com as palavras balbuciadas tremendo. Amava o filho do antigo amigo de seu avô, dono da herdade em que habitava; estupido, uma d'essas almas boçaes, nascidas para deturparem tudo, porque não vêem, nem sonham senão o mal, mesmo no instante em que a linguagem mais intima da candura vem affagar-lhes o deserto em que o seu egoismo as esconde. Demais, elle tinha esta regularidade de feições, de uma monotomia que enfada, chata, insignificativa, mas que dizia bem com a alma que o animava, incapaz de qualquer acto generoso, de instinctos vis, mas julgando-se digno de todos os respeitos diante da sociedade. Tanto mais criminoso parecia, quanto era ainda novo, tambem criança, em quem se espera a ingenuidade dos primeiros annos que tudo perdôa.

Aquelle que a innocente rapariga amava, não pensava senão em perdel-a. Era tão facil! Estava desprevenida, não via a traição da onça refalsada, onde esperava uma attracção irresistivel! Mal haja quem não falla verdade n'este episodio mais santo e verdadeiro de toda a existencia.

A pobre pequena não sabia estas subtilezas do peccado; foi apoz os seus sentimentos, deixou-se adormecer ao som da voz que a illudia, para acordar com a gargalhada fria e insultante no fundo de um abysmo onde fôra atirada para sempre. A alegria que até ali tivera, e era a sua principal belleza, perdeu-a com a innocencia.

Já não cantava; andava silenciosa, desolada, como na afflicção de uma dôr que se não exprime. A unica pessoa que a amára verdadeiramente no mundo, seu avô, não tinha alma para perguntar-lhe o que a trazia assim oppressa.

Ella envergonhava-se das lagrimas, represava-as, bebia-as! Uma vez, pela volta das trindades, o velho voltava do trabalho; pousou a enxada ao canto da choça. Sentaram-se á meza frugal; não comiam, preoccupados por uma angustia que se não atreviam a confessar um ao outro.

A final o avô perguntou-lhe com uma doçura inexcedivel:

— O que tens?

Ella prorompeu n'este instante em uma torrente de lagrimas irrepressiveis; ia para fallar, os soluços intercortaram-lhe a voz; atirou-se ao pescoço do velhinho, estreitou-o a si, sem poder fallar.

Era o maior golpe que o desgraçado soldado experimentava, o ultimo que lhe abalava a vida.

Comprehendeu tudo.

Traduziu as meias palavras da queixa dolorida, e soube que o filho do seu protector fôra o seu algoz.

Não podia accusal-o, vingar-se; era uma horrivel

collisão de deveres! Ficou com a immobilidade do espasmo; hirto, como Bonifacio VIII diante da multidão que ia para despedaçal-o. Sentado á mesa, com a mudez do assombro, assim permaneceu a noite toda, até que ao outro dia deram com elle regelado, cadaver!

*

* *

O desespero das imprecações do desgraçado da terra de Hus, deitado sobre o monturo, coberto de lepra, envergonhando-se da luz, desejando haver tido o sepulchro por berço e por seio que o escondesse a podridão e os vermes da terra, todo este cicio da immensa agonia da a'ma que se alevanta até Deus e na sua fraqueza lhe exproba a desegualdade da lucta, é uma das mais completas, a primeira manifestação do poema eterno da agonia.

Acorrentado sobre os fraguedos que te serviram de leito, Prometheu vencido, a Força e a Violencia guardaram os sarcasmos para a hora em que as extorsões convulsas não amedrontam os algozes; deixaram-te os abutres famintos, fustigado dos ventos, mas ao menos o turbilhão erguia o grito da ameaça; o orvalho das noites refrescava-te o ardor da raiva, e o Oceano consolava-te porque te dizia: Prometheu, mesmo pregado contra essas rochas, sabes fallar ainda com liberdade! Deus banido, os outros deuses feriram te porque nos alentaste a vida com a esperança; se é de força o soffrimento cumpra-se a fatalidade! Elles não conheciam as dôres fundas, que se não vêem, que

matam lentamente, as dôres da alma, não as conheciam, por isso não as inflingiram. As grandes obras da arte, Job e Prometheu, foram os que fizeram sentir no mundo as maiores dôres; mas a dôr moral, que os deuses antigos desconheceram, a dôr muda, essa é uma creação do homem, o maior inimigo do homem.

THEOPHILO BRAGA.

ENYGMAS TYPOGRAPHICOS:

212

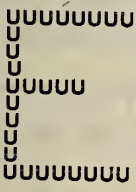
(A Dona Brites)

500 aton nota nota 50 aton A $\frac{\text{aton}}{\text{colera}}$

(Magala do 14).

*

213



(Magala do 14).

*

214

Nação — a+o sara nota regato.

(Oriebir).

215

*

NOTA parente — o+E

(Thurdes)

AGUA CASTELLO

Minero gazosa lithinada natural de Moura. Refrigera os sãos e cura os doentes. Premiada em varias exposições. Vende-se em toda a parte.

Deposito geral RUA DA CONCEIÇÃO, 123

ASSIS & C.A

FORNECEDORES DA CASA REAL

TELEPHONE N.º 880

Carpe Diem

Porque tão tristes e fechados vamos?
Negro crime fazemos!
E' de rosas o mar onde singramos,
D'oiro fino estes remos...

O Amor leva o timão; a Esp'rança rema,
Risonha e decidida...
E em volta cada vaga que se extrema
E' uma sebe florida.

Ri o sol, canta o céo, cantam as aguas
E canta a viração!
E nós a desfiar contas de maguas
Com dedos d'afflicção...

Da Alliança, no azul scintilla o Arco,
E nós, tristes, no meio
D'esta alegria, somos n'este barco
A Saudade e o Receio...

Gosemos! Canta e ri! O tempo foge,
Meu amor, minha irmã...
Mas se é tão lindo e claro o dia d'hoje,
Que importa o d'amanhã?

Acaso os noivos, diz', tu que me impelles
No futuro a pensar,
Vão de luto casar-se, por que um d'elles
Do outro ha-de enviuvar?

Por mais que ahi cogites no futuro,
Muda e sombriamente,
Não lhe abrandas por certo o gesto duro...
Saboreia o presente!

Canta e ri, meu amor! E que eu comtigo
Cante e ria tambem!
Se és minha amiga e eu sou tão teu amigo,
Que mais queres, meu bem?

Quando, d'hoje a cem annos ou duzentos,
Branda vida aquecesse
O pó que então serás, brinco dos ventos,
E alguem te proposesse,

Ao dia d'hoje regressar, a troco
De pungente agonia,
Tudo o teu espirito enlevado e louco
De prompto acceitaria!

Sim! Para ao dia d'hoje regressares,
Tu que tão triste vaes,
Soffrerias supplicios e pesares,
Sem queixas e sem ais;

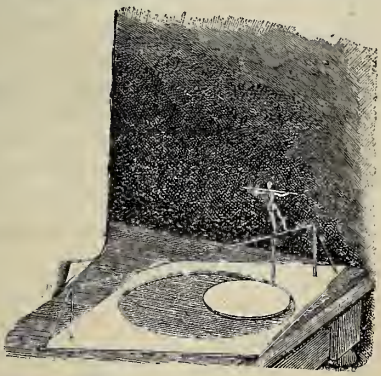
Então darias d'esses lindos olhos
A vida, a claridade,
E andarias descalça em chão d'abrolhos
Por toda a Eternidade!

EUGENIO DE CASTRO.

A dansarina na corda

Um pae cuidadoso pela educação de seus filhos aproveita todas as occasiões que se lhe offerecem, de os ensinar. Organisando o attrahente passatempo em seguida descripto e que por certo os enthusiasmará. terá ensejo de lhes fazer notar uma curiosa propriedade geometrica.

E' uma curiosa propriedade geometrica que nos habilita a apresentar aos nossos leitores este interessante divertimento.



Com effeito, a geometria ensina-nos que, se fizermos girar um circulo dentro de outro cujo diametro seja duplo do do primeiro, um ponto qualquer da circumferencia d'este descreverá uma linha recta que será um diametro do circulo maior.

Cortemos pois n'um bocado de cartão dois circulos um com 30 e outro com 15 centimetros de diametro;

o primeiro podemos deital-o fóra; no bordo do mais pequeno espetemos uma agulha de coser sem a deixar passar para o outro lado do cartão. Peguemos n'este circulo mais pequeno e façamol-o girar dentro do circulo aberto, no bocado de cartão, pelo córte do circulo maior. Veremos que a agulha descreve uma linha recta que é um diametro do circulo maior. Sobre o cartão traçemos a lapis d'um lado e outro o prolongamento d'esse diametro e espetemos de cada lado uma agulha de coser; pela abertura d'essas agulhas enfiemos uma linha que esticaremos, fazendo-a atravessar o cartão a certa distancia das agulhas e dando nó pela parte inferior. Na parte superior da agulha espetada no circulo pequeno collemos com cera ou lacre um pequeno banco, recortado n'uma carta de jogar, representando uma dansarina. Fazendo girar o circulo pequeno dentro do grande veremos que a dansarina percorre a linha, voltando-se quando chega ao fim, para recomeçar o seu passeio em sentido inverso, tornando a percorrel-a no primeiro sentido e assim successivamente, emquanto fizermos girar o circulo pequeno.

Qual a utilidade d'um «raid» de cavallaria?

O *duplo raid* ultimamente effectuado no nosso paiz por iniciativa da «Illustração Portugueza» não offerece apenas um interesse meramente *sportivo*, antes deve ser encarado como um importante serviço prestado ao exercito — Do que em seguida dizemos inferirão os leitores qual a alta importancia que assumem os *raids* de cavallaria sob o ponto de vista da defeza nacional.

O *raid* de cavallariá levado a effeito por iniciativa da «Illustração Portugueza» despertou no publico um extraordinario e justificadissimo interesse. As corridas de cavallos ainda hoje constituem o divertimento favorito de alguns povos cultos. Essas corridas de velocidade realisadas em hippodromos nas quaes se tem em vista alcançar uma velocidade extraordinaria durante alguns minutos, prestam na realidade relevantes serviços, estimulando o aperfeiçoamento progressivo das raças cavallares pela emulação que suscitam entre os creadores, mas, áparte isso, o interesse que despertam é meramente *sportivo* O objectivo do *raid* é inteiramente diverso. *Raid* è uma palavra ingleza que significa incursão e designa particularmente às corridas de resistencia. O *raid* pretende estabelecer qual o maior percurso que um cavallo póde effectuar e a que velocidade e andadura deve ser conduzido para galgar o caminho com a maxima rapidez compativel com o maximo esforço de que é susceptivel, sem prejuizo para o seu organismo. Do simples enunciado de

destreza do cavalleiro e pelo treino prolongado das successivas campanhas; e, com effeito, veremos adiante que dos *raids* effectuados nos ultimos tempos se concluiu que um cavallo de origem commum póde rivalisar com um *pur sang* em velocidade e resistencia, desde que esteja bem treinado e seja bem conduzido.

Desde agosto de 1808 a janeiro de 1809 a brigada de dragões do commando de Colbert, um dos mais distinctos officiaes de cavallaria d'esse tempo, quasi não teve um momento de descanso. Depois de uma marcha forçada da Silesia a Madrid, ainda encontrou forças para entrar em combate com o exercito inglez e perseguil-o até á Corunha. Os dragões da guarda imperial partiram da Hespanha em 1809 e effectuaram uma marcha de mais de 700 leguas em 68 dias, chegando a Vienna em magnifica disposição. Na brilhante e memoravel carga de cavallaria commandada por Murat na batalha de Iena entraram divisões que, como os couraceiros de Hautpoul, os dragões de Klein e os couraceiros Nansouty, acabavam de percorrer, a marchas forçadas, distancias variando entre 50 e 70 kilometros, para se concentraram no campo da batalha.

Ora as guerras modernas teem demonstrado que hoje, mais do que nunca, se torna indispensavel uma cavallaria bem treinada, d'uma extrema mobilidade e d'uma grande resistencia. D'ahi os cuidados que as entidades a quem incumbe nos diversos paizes a preparação da guerra, começaram a manifestar pela educação e treino do cavallo de guerra e como consequencia, organisaram-se os *raids* para bem se poder

avaliar das suas qualidades. Os primeiros que se realisaram, não deram, como é natural, os melhores resultados. Os concorrentes não sabiam ainda bem as regras que deviam seguir para obter o fim desejado que era chegar primeiro que os outros. Alguns largavam-se á maxima velocidade que os cavallos podiam dar e o resultado não se fazia esperar; os cavallos cansavam rapidamente e cahiam mortos antes de chegarem ao termo da viagem. Outros venciam o *raid*, mas os seus cavallos succumbiam ao tocarem a meta. Foi isto o que succedeu em 1892 aos vencedores do *raid* Berlim-Vienna, organisado de commum accordo pelos ministros da guerra da Allemanha e da Austria. O primeiro a chegar foi um austriaco que fez o trajecto de 578 kilometros em 71 horas e 26 minutos e, em segundo logar, chegou um allemão que gastou 74 horas e 24 minutos. Os cavallos de ambos succumbiram O mesmo succedeu ainda n'um *raid* organisado na Italia em 1896.

Nos *raids* posteriores já porém a experiencia orientava os concorrentes e pouco a pouco se foram fazendo observações e deduzindo regras conducentes ao maximo aproveitamento util das forças do cavallo. *Raids* effectuados com cavallos *pur sang*, *demi-sang*, e de origem commum provaram que estes podiam rivalisar com os primeiros, desde que fossem bem treinados e bem conduzidos. Aos francezes, principalmente, cabe a gloria d'estas demonstrações. Sabe-se, além d'isso, que um *pur sang* pode effectuar um trajecto de 100 kilometros à velocidade de 19 por hora e continuar a marcha a 16. N'um trajecto de 80 kilo-

metros a média da velocidade póde ir a 20 kilometros por hora.

Deve-se evitar conduzir o cavallo a passo.

Nas subidas e descidas a andadura do cavallo deve ser a trote suave, 220 metros por minuto; em terreno plano a trote mais largo e, de vez em quando, a galope para alliviar o cavallo por uma nova combinação das suas forças musculares, sem todavia exceder a 400 metros por minuto. E' todavia indispensavel, quando haja a fazer a cavallo um longo percurso, não metter logo o animal a grande velocidade. Na primeira hora de caminho a velocidade não deve ser inferior, mas tambem não deve exceder a 16 kilometros, levando-a nas horas seguintes a 19 que parece ser a maxima velocidade compativel com o maximo esforço do cavallo, sem prejuizo para o seu organismo, n'um percurso de 100 kilometros.

Do que fica dito se infere facilmente a importancia que no estrangeiro teem ligado á educação e treino do cavallo de guerra, com o objectivo da velocidade e resistencia.

Nós só agora entramos n'essa via e devemos agradecel-o á «Illustração Portugueza». Por isso acima dissemos que a sua iniciativa tinha o valor d'um alto serviço prestado ao paiz e ao exercito. E' de crêr, porém, que quem tem por dever superintender na preparação da guerra, se lance abertamente n'esse caminho do aperfeiçoamento progressivo da nossa arma de cavallaria, porque d'uma boa e bem treinada cavallaria depende muitas vezes a sorte d'uma batalha. Um exercito que não seja servido por uma boa

cavallaria é um exercito cego, sujeito a cahir em todos os laços que o inimigo queira estender-lhe.

O successo da primeira tentativa é incentivo bastante para que outras se lhe sigam na epoca propria, quer sejam organisadas pelas entidades officiaes, quer por iniciativa particular.

Temos bem fundadas esperanças de que assim venha a succeder, porque as auctoridades militares mostráram interessar-se a valer pelo exito da iniciativa da «Illustração Portugueza», o que prova que estão convencidas do grande alcance e da importancia que assumem as provas d'esse genero.

Os pormenores do *duplo raid* effectuado são por demais conhecidos do publico, por intermedio da imprensa diaria, e por isso nos dispensamos de os relatar.

ENYGMAS TYPOGRAPHICOS:

216

Crença 51 fructa-r 500 500 a (metade dum cão) notas u u planta batrachio-r fala T ɯəɯoɥ nota universo.

(Koubaco).

*

217

Vogal n aton nota jogo.

(Inseparaveis)

*

218

P. X. B. Q. VIRTUDE — F 1 M IGUAL

(Anthero de Carvalho).

ANAGRAMMA EPISTOLAR

(Ao Illustre Director da Secção Charadistica do «Cosmos»)

219

Foi-me offerecida uma plania medicinal 1-2-3-4 por um principe, 2-1-4-3 dencendente do Rei d'Israel 2-1-3-4.

E' meu intento 1-4-3-2 retribuir-lhe com uma planta urticacea 3 Q-1 4 que ha tempo nasceu n'uma fenda 1-4-3-2 do muro do meu quintal.

Receio que façam pouco 3-4-2-1 do caso os seus cortesãos. Que lhe parece?

(Alejoal).

ENYGMA SALTITANTE.

220

1 — 2 — 3 — 4 — 5 — 6
5 — 2 — 1 — 4 — 3 — 6

Na prisão está uma serpente

(Roubaco).

ENYGMA PARONYMO.

221

Este metal é planeta — 4.

(Os 2 ripis).

*

222

E' favorecido porque é robusto — 3.

(Padre Eterno).

CHARADA DUPLA.

223

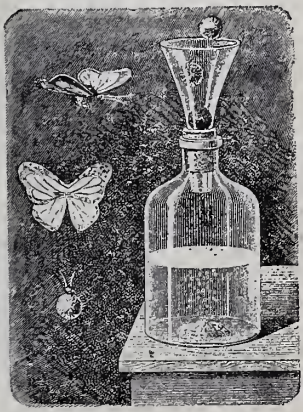
Lobrigo um prelado.

(Padre Eterno).

Borboletas a voar

Ao mesmo tempo que temos a satisfação de vêr os filhos a saltar de contentes a vêr as borboletas voar poderemos fazer-lhes comprehender sem custo a força expansiva dos gazes e explicar-lhes muitos phenomenos que aos seus cerebros juvenis devem ter-se affigurado misteriosos.

Borboletas a voar!? As crianças baterão palmas de contentes. Vale bem a pena o pequeno trabalho a preparar o vôo das borboletas só para presenciarmos as suas manifestações de satisfação.



Pega-se n'um frasco de boca larga, um frasco grande de conserva, por exemplo, e tapa-se com uma rolha furada a meio, para dar passagem a um funil. Com alguns pingos de lacre tapam-se hermeticamente os intersticios entre o funil e a rolha e entre esta e o gargalo do frasco. Deita-se-lhe depois agua até metade da altura e preparam-se umas duas ou tres bolas de sabugo cada uma das

quaes deve ser de tamanho tal que feche o buraco do funil. Na falta do sabugo podem fazer-se de cortiça cortando-as n'uma rolha. N'essas bolas collam-se uns bocados de papel de cigarro recortados em fórma de azas de borboleta. Tudo assim preparado, deita-se, pelo funil, na agua contida no frasco um pouco de bicarbonato de soda e acido tartarico e, immediatamente, collocam-se dentro do funil as duas ou tres bolas de sabugo. O gaz acido carbonico que logo se desenvolverá e tenderá a sahir, levantará a bola que fecha o funil a qual dará a impressão d'uma bella borboleta branca a voar. A esta seguir-se-ha, com pequeno intervallo, a outra que foi tapar o buraco do funil, mal elle se abriu pelo vôo da primeira e á segunda seguir-se-ha a terceira, a esta a primeira, que já deve ter cahido do seu vôo e assim successivamente, emquanto durar a effervescencia da agua do frasco, produzindo um magnifico effeito, enthusiasmando as crianças.

SERENATA

A noite é linda, terna amante,
Ao teu balcão faze por vir!
Manda-te o aroma penetrante
Cada jasmim que vae abrir...

Como o teu rosto, já, desmaia..
Sobre o meu peito desfalleça!
E que a papoula no chão caia,
Vendo-te o labio empallideça!

Cerra os teus olhos tristes, lassos,
Quando sentires o abandono:
Tu tens a rêde dos meus braços
Para embalar-te no teu somno!

Olha da lua o fino véu,
Como te cobre, no balcão!
Tambem os anjos lá do céu,
Todo o teu sonho povoarão!

Beijos d'amor hão de cantar
Arias de sonho e esquecimento:
Para as ouvir e decorar
A' tua espera fica o vento!

ANTONIO DE CARVALHO.

LOGOGRIPHO POR LETTRAS

224

(Sonêto de Bocage)

Não sou vil delator, *vil* assasino, 10-2-18-11-12
Impio, *cruel*, sacrilego blasphemo; 12-2-8-11-4-5
Um *deus* adoro, a eternidade temo; 9-1-5-18-7-5
Conheço que ha vontade e não destino. 1-11-16-13-2-15-5

Ao saber e á virtude a fronte inclino;
Se chóra e geme o triste eu chóro e gêmo;
Chamo á *beneficencia* um dom supremo; 13-6-16-i-3-14-3-11
Julgo dòce amizade um bem devino.

Amo a patria, amo as leis, precisos laços,
Que *mantêm* dos mortaes a convivencia, 13-5-n-12-2-10-8-14-m
E de *infames* grilhões oiço ameaças. 17-15-j-2-13-t-5-12.

Vejo-me exposto á rigida violencia
Mas fólgo e canto e durmo nos teus braços,
Amiga da razão, pura innocencia.

Conceito

Um marinheiro audaz que deixou fama,
Audaz descobridor dos mais ouzados,
Foi a terras ignotas como o Gama
«Por mares nunca d'antes navegados».

(Roubaco).

ENYGMA POR INICIAES:

225

M	E	V	T	E	T
3	1	2	3	1	2

(Golias).

Anecdotas

Habil expediente

Era no tempo em que se viajava a cavallo. A uma estalagem situada n'uma estrada á beira-mar chegou, em noite invernosa, um viajante encharcado até aos ossos e tiritando de frio. Desejando aquecer-se, dirige-se á cosinha, mas vê com desalento que em volta da lareira, onde arde um bom fogo, estão algumas pessoas e não ha logar para elle. Mas, de repente, voltando-se para o estalajadeiro, perguntou-lhe:

—Tem ostras?

—Sim, senhor, respondeu logo o estalajadeiro.

—Bem, mande lá para baixo um cabaz cheio d'ellas para o meu cavallo.

—Para o cavallo! exclama o estalajadeiro. V.ª S.ª não está gracejando? Nunca vi cavallo algum que comesse outras!

—Ah, mas come-as o meu e gosta bem d'ellas, retorquiu o viajante com toda a seriedade, e peço-lhe que não se demore, porque elle vem muito esfomeado.

O estalajadeiro não replicou e, como o hospede lh'as havia de pagar, quer o cavallo as comesse, quer não, tratou de arranjar as ostras e leval-as á cavallariça.

Todas as pessoas que estavam em torno da lareira se levantaram impellidas pela curiosidade de observar o phenomeno—um cavallo a comer ostras—.

O viajante installou-se logo commodamente no melhor logar da lareira e tratou de se aquecer com todo o socego.

D'ahi a pouco appareceu o estalajadeiro, acompanhado das pessoas que tinham ido vêr:

—Bem dizia eu. O cavallo não comeu as ostras.

—Ah, não?! replicou tranquillamente o viajante. Paciencia, como-as eu.

Castigo merecido

Uma dama da côrte queixou-se um dia ao monarcha de que o marido vivia com ella em constante desharmonia e que até muitas vezes lhe batia desalmadamente.

O rei que era homem sensato, ouvindo a queixa, respondeu-lhe muito cortezmente:

—Tenho muita pena que assim seja, mas não lhe posso valer. Entre marido e mulher não mettas a colher. Comprehende bem que não tenho nada com isso.

—Mas Vossa Magestade não sabe tudo, replicou a dama. Meu marido é um homem desleal, um traidor que conspira contra o throno de Vossa Magestade..

—Ah, com isso nada tem a senhora, retorquiu logo o rei que aborrecia a denuncia. Deixe-o conspirar.

Com teu amo não jogues as peras

Um *lord* inglez, caprichoso e maniaco, achando-se n'uma das suas propriedades, ordenou ao cocheiro que fosse á povoação proxima comprar leite. O cocheiro sentiu-se melindrado com o facto de lhe ordenarem um serviço proprio de creado e respondeu em tom respeitoso que lhe não competia essa obrigação e que na casa havia muitos creados que podiam desempenhal-a.

—Quaes são então os serviços que lhe competem? perguntou o *lord* fleugmaticamente.

—Tratar dos cavallos e guiar o carro, respondeu o cocheiro.

O *lord* deu-lhe razão e chamou um creado ao qual ordenou que fosse á povoação proxima comprar o leite.

—E, continuou elle, voltando-se para o cocheiro, você vá pôr a carruagem para conduzir o creado.

Ir buscar lã. .

Já o conductor d'um d'esses carros, chamados do Jorge, que se achava abarrotado de gente, tinha dado o signal de partida, quando chegou muito apressado um individuo com pretensões a engraçado que, dirigindo-se a um dos passageiros, perguntou com um sorriso ironico:

—Faz-me um favor? Diz-me se haverá ainda algum logar n'essa Arca de Noé?

O passageiro interpellado que tinha aspecto de

camponio, mas, pelos modos, era lido em historia biblica, olhou serenamente para todos os cantos do carro e, vendo um logar desoccupado, respondeu com toda a naturalidade:

—Olhe, chega a proposito, está vago o logar do burro. Queira subir...

Impertinencia castigada a tempo

Um litterato inglez que por infelicidade sua era corcunda, discutia um dia com um *lord* um ponto de litteratura e, irritado por este o contradizer, quando era certo que nunca dera provas de possuir quaesquer conhecimentos da especialidade, disse-lhe a certa altura com ar de troça:

—Está a discutir e afinal talvez nem mesmo saiba o que é um ponto de interrogação!...

—Perdão, respondeu o *lord* muito encolerisado, sei muito bem o que é um ponto de interrogação: é uma pequena figura, corcunda e torcida que ás vezes faz perguntas grosseiras e impertinentes.

O cumulo do impudor

Um influente politico, homem de reconhecido valor, intelligente e illustrado, pediu um dia ao presidente do conselho um logar importante que tinha vagado e para o qual todos reconheciam ter elle as habilitações e cathegoria necessarias. O logar era porém pretendido tambem por um d'esses individuos que, blasphemando em toda a parte contra os politicos e contra os partidos, vão comendo com todos, ao mesmo

tempo que impudentemente se classificam de homens honestos, incapazes de chafurdar na *porcaria* da politica. E taes intrigas teceu, taes baixesas praticou que alcançou a nomeação.

Pois, um dia, recebendo este individuo felicitações, pela sua nomeação, de alguns seus conhecidos que se encontravam n'um grupo do qual fazia parte o influente politico que primeiro pretendera o logar, agradeceu e accrescentou com todo o descaramento:

—O que mais me lisongeia é o facto de ter sido nomeado para tão importante e até honrosa commissão, sem que para isso tivesse dado um unico passo.

—Ah, decerto, murmurou o influente politico; quem anda de rastos, não dá passos.

Amarguras d'um rei

O rei Carlos II de Inglaterra viu um dia um homem amarrado ao pelourinho e perguntou que crime tinha elle commettido para merecer tal castigo.

—Escreveu umas satyras muito vehementes contra os ministros de Vossa Magestade, respondeu-lhe um dos da comitiva.

—Imbecil! exclamou o rei. Escrevesse-as contra mim que ninguem o castigaria e até talvez o applaudissem!

Innocencia

—Dou-lhe os parabens, minha menina; tem mais uma irmãsinha pequenina...

—Ai, que bom! exclama a creança, contentissima. Vou já dizel-o á mamã...

CHARADA DUPLA.

226

Ter ciumes é retroceder — 2.

(Alejoal).

CHARADA OCCULTA NA PHRASE.

227

Bébé vem da escola. A mamã pergunta-lhe: Que fazias tu na escola? Eu lá lia, responde o Bébé muito naturalmente. O quê, torna-lhe a mãe?

O conto da mulher.

Onde está a mulher?

(Édvento).

CHARADAS EM PHRASE.

228

Tive uma occasião de ver a côr do animal — 1-2.

(Gambetta).

*

229

O orphão correu pela cidade do Egypto, após elle — 1-2.

(Alejoal).

CHARADA RECLAME.

230

Comprem só o «Cosmo**S**» que **É** a me**L**hor e m**A**is **B**a**R**a**T**a revist**A** que se publi**C**a em Portuga**L**. **N**umer**O** avuls**O** 60 reis.

(O presente annuncio forma uma maçada geographica com as letras em typos diversos).

(Azuos).

Imperio colonial inglez

A Birmania — Os Estabelecimentos dos Estreitos

A Birmania é um curioso paiz da Indo-China, sob o dominio da Inglaterra. N'elle se inclue o antigo reino do Pegú de que por algum tempo foi rei, acclamado pelos indigenas, o minhoto Salvador Ribeiro de Souza, companheiro de Filippe Nicote, aventureiro ambicioso e cruel que teve uma morte desastrosa.

Nos Estabelecimentos dos Estreitos está comprehendida a cidade Malaca onde ainda hoje se notam fundos vestigios do dominio portuguez.

A Indo-China é uma vasta peninsula asiatica que tira o seu nome da sua situação geographica entre a India e a China. N'ella se acantonam varios povos, outr'ora divididos em muitos reinos independentes dos quaes hoje apenas existe um, o de Sião, dominando sobre os outros, a oriente, a França sobre o Tonkin, Annam, Cambodge e Cochinchina e a occidente, a Inglaterra sobre o antigo imperio da Birmania e os reinos de Arakan, do Pegú, de Martaban e Tenasserim que viveram, ora independentes, ora annexados por conquista áquelle imperio. O dominio das duas nações europeias n'aquellas paragens data de pouco tempo, da segunda metade do seculo passado. O da Inglaterra vem de 1852 e o da França é de 30 annos depois; mas só em 1891 conseguiu a In-

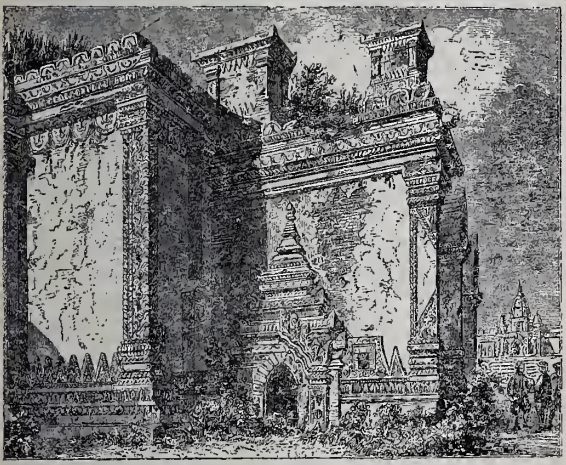
glaterra restabelecer em seu proveito a integridade do antigo imperio da Birmania.

Os birmanes dizem-se oriundos das margens do rio sagrado—o Ganges. Intitulando-se Mramnás, nome que dizem provir de Brahma, isto é, do Deus supremo, pretendem ligar a sua origem á da sua religião, mas os seus caracteres etnographicos, muito approximados dos dos chinezes, desmentem a pretendida origem indiana. São pequenos, mas bem feitos e robustos; vivos, corajosos, alegres e descuidosos.

A sua religião é a de Budha a quem dão o nome de Godama e a influencia benefica da doutrina d'este illustre apostolo oriental manifesta-se entre elles na doçura encantadora dos costumes. Não ha odios profundos, nem irritações, nem invejas. A piedade filial é uma virtude que elles praticam religiosamente. Budha disse: «Brahma está com as familias cujo pae e mãe são venerados e servidos como o devem ser; e por que é isto assim? porque, conforme a Lei, um pae e uma mãe são os olhos de um filho, como o proprio Brahma.» E os filhos-familias birmanes teem constantemente no pensamento aquellas palavras do grande apostolo.

A historia antiga d'este povo perde-se nos dominios da lenda. Sabe-se, no entanto, que no anno 289 antes de Jesus Christo a capital do imperio era Prome e que foi no anno de 94 depois de Jesus Christo que o primeiro *boê* (imperador) d'uma nova dynastia transferiu a sua residencia para Pagan, situada muito mais ao norte, mas como a anterior na margem d'um dos dois grandes rios birmanes, o Irauadi, e que durante

14 seculos foi capital do imperio. Alguns annos depois da elevação d'essa dynastia ao throno foi o norte da Birmania invadido pelos chinezes que ahi se conservaram por largos annos.



Ruinas do templo de Pagan

No meiado do seculo XVI a Birmania invadiu o reino do Pegu e conquistou-o, mas não pôde conserval-o muito tempo sob o seu dominio.

Por esse tempo andavam os portuguezes pelos mares orientaes e eram já senhores de Malaca. Muitos d'elles que não conheciam limites á audacia, sequiosos de ouro e de aventuras, internavam-se nos reinos da

Indo-China, alistavam-se nos seus exercitos e n'elles introduziam as praticas europeias da guerra. Assim succedeu a Salvador Ribeiro de Souza, natural da provincia do Minho, e a Filippe de Brito Nicote, natural de Lisboa, de origem franceza, que nos principios do seculo XVII commandavam as tropas do rei de Arakan, limitrophe do Pegu. Nicote obteve d'aquelle soberano licença para construir um forte e uma alfandega em Siriam e o aventureiro, que era extraordinariamente ambicioso, mal apanhou a concessão, partiu logo para Gôa a offerecel-a ao vice-rei, como base de novas conquistas para Portugal, e tirar do offerecimento todo o proveito pessoal que podesse. Salvador Ribeiro ficou em Siriam. O rei de Arakan não gostou do procedimento de Nicote e, furioso, aprestou um exercito com o qual foi cercar a concessão. Salvador Ribeiro defendeu-se porém com tal denodo e valentia que fez levantar o cerco. Os peguanos enthusiasmados acclamaram-no rei do Pegú. O minhoto não se fez rogado e cingiu a corôa, mas era um portuguez desinteressado, o que n'aquelle tempo era raro, de modo que, quando Nicote chegou da India com a nomeação de capitão general da nova conquista, logo Salvador Ribeiro se despojou das insignias regias e passou á condição de subdito com a mesma serenidade com que tinha acceitado a corôa; e emquanto Nicote se attribuia a gloria do feito, voltava elle a Portugal pobre e esquecido.

Não gosou porém Filippe Nicote por muito tempo da sua dignidade de capitão general da nova conquista. Jactancioso, pois se attribuia muitos dos feitos

de Salvador Ribeiro, sedento de riquezas, como a maioriá dos portuguezes d'esse tempo, sem olhar aos meios de as adquirir, começou a commetter crueldades e a tratar com insolencia os soberanos dos reinos visinhos. Depois de obrigar o rei de Arakan a assinar um tratado humilhante, exigiu do rei de Martaban que désse a filha em casamento a seu filho Simão Nicote. Ao mesmo tempo, muito seguro de si e imaginando que tinha um grande prestigio guerreiro entre os reis visinhos e que, porisso, estes se não atreveriam a atacal-o, descuidou a defeza e o resultado foi que em 1613 o rei de Ová surprehendeu a fortaleza e empalou Nicote nas ameias. Ao mesmo tempo o rei de Martaban assassinou o genro e Portugal perdeu aquella conquista tão depressa como a grangeara.

Em 1752 os peguanos atacaram a Birmania, apoderaram-se de Ava, que desde 1364 era a capital do imperio, e fizeram prisioneiro o imperador Dwipti, o ultimo da sua raça.

No anno seguinte, porém, um homem do povo, de nome Alompra, dotado de grande talento militar, abalançou-se á empreza de libertar a sua patria e combatendo com successo os peguanos, chinezes e siameses assenhoreou-se do Pegú e fundou uma nova dynastia que se conservou no throno até á conquista ingleza. Esta effectuou-se em 1852.

A Companhia ingleza das Indias, depois de ter suscitado propositadamente algumas questões com a Birmania, declarou-lhe guerra; um corpo de exercito sob as ordens do general Godwin e uma esquadra de 36 navios atacaram os birmanes, obrigando-os a lar-

grande rio que, nascendo na China meridional, entra no territorio birmane, divide-o n'uma certa extensão do territorio siamez, atravessa com vertiginosa velocidade gargantas estreitas que por vezes não excedem 30 metros de largura e chega ao mar n'uma torrente de 20:000 metros cubicos de agua por segundo.

Na Birmania ha muitos lagos. O maior é o lago Real.

O sul do imperio é muito fertil, dando-se ahi muito bem as culturas tropicaes; os valles do norte produzem cereaes e pastagens.

Nas proximidades do rio Irauadi ha abundantes fontes de petroleo e nas provincias limitrophes da China existem minas de metaes, pedras preciosas e de marmores.

A area da Birmania não se conhece com exactidão, porque as suas fronteiras com a China não foram ainda demarcadas definitivamente, mas calcula-se em 231550 milhas quadradas, com 11 milhões de habitantes. A relativamente pequena distancia da costa da Birmania estão situados dois archipelagos, tambem sob o dominio britannico, o das ilhas Andaman, muito altas e cheias de florestas, com uma area de 2500 milhas quadradas e uma população de 25000 habitantes dos quaes 15000 são condemnados que vivem nos estabelecimentos penaes do porto Blair; e o das ilhas Nicobar, tambem colonia penal, com uma area de 624 milhas quadradas e uma população de 7000 habitantes, nas quaes está muito desenvolvido o commercio dos productos do coqueiro.

As cidades principaes da Birmania são Maudalé com 182:500 habitantes e Rangoon com 232000.

Ava, a antiga capital do imperio birman que em 1364 succedeu a Pagan da qual, segundo a lenda, se elevavam as pyramides ponteagudas de 9999 *pagodes*, dos quaes existem ainda cerca de mil, é hoje uma cidade meia arruinada, muito pittoresca ainda, todavia, sobresahindo no azul do ceu os telhados brancos ou dourados dos seus numerosos templos.

A Ava succedeu nos fins do seculo XVIII Amarapura, ou cidade da Immortalidade, mas quando os inglezes conquistaram a Birmania, já esta cidade tinha cedido o sceptro a Mandalé.

Estabelecimentos dos Estreitos

Sob este nome é designada a colonia da corôa que a Grã Bretanha possue na parte occidental da peninsula de Malaca, comprehendendo os territorios de *Wellesley*, *Dinding* e *Malaca* e as ilhas, muito proximas da costa, de Penang e Singapura.

Tem uma area total de 1472 milhas quadradas com 600000 habitantes, e um commercio muito desenvolvido, principalmente de transito, calculado em 20 milhões de libras de importações e 17 milhões de exportações.

Malaca que, n'outros tempos foi uma cidade florescentissima de cerca de 200000 habitantes, não conta mais de 20000. Conquistada pelos portuguezes em 1511 conservou-se muito tempo sob o nosso dominio no qual fomos substituidos pelos hollandezes que an-

nos depois foram d'ali expulsos pelos inglezes. Conserva fundos vestigios da nossa influencia, principalmente na lingua fallada pelos seus habitantes que orgulhosamente se inculcam como descendentes dos portuguezes, fallando uma lingua que é uma mistura de malaio e portuguez, sendo vulgares os appellidos de Souza, Albuquerque, Andrade, Carvalho, Pereira, etc. Do dominio hollandez não ficou vestigio algum.

Pulo-Penang é uma pequena ilha situada a pouca distancia da costa de Wellesley que está na posse da Inglaterra desde 1786. A capital é Georgetown onde existe um seminario catholico para educação de missionarios para o Extremo Oriente.

Singapura é uma cidade importantissima que possue um porto excellente, em posição estrategica magnifica, chave do Mar das Passagens, nome que se dá ao conjuncto dos canaes pelos quaes desemboca o estreito de Malaca no mar que banha a oeste a ilha de Sumatra e a leste Bornéo.

A Inglaterra está de facto na posse de toda a longa peninsula de Malaca. O territorio a leste de Tenasserim e o comprehendido entre esta provincia ingleza e os Estabelecimentos dos Estreitos só nominalmente pertence ao Sião e os estados malaios, existentes na parte oriental da extremidade sul da peninsula, teem uma independencia nominal, mas de facto estão sob o protectorado da Inglaterra, como são os estados de Pahang, Jobor, etc e outros, como Perak, entre os territorios de Wellesley e Dinding, e Selangor, entre Dinding e Malaca, etc.

Um pintor de gatos

Era uma vez, em mui remotos tempos, uma familia de boa gente lavradora, vivendo em certa aldeia do Japão. Marido, mulher e um rancho de filhos; gente pobre, é claro; e ajunte-se que a mui ardua fadiga se dava o camponez, para que não faltasse em cada dia, a cada umas das vorazes boquinhas dos garotos, a tigela de arroz do almoço e do jantar. O mais velho dos rapazes, já aos quatorze annos, robusto quasi como um homem, começava a ajudar o pae, nas varzeas e nos campos, o pobre pae, a quem as forças minguavam; e os outros, cada um conforme a sua idade, iam fazendo tambem o que podiam; até a irmã pequena, — uma migalha de gente, coitadita! — lá ia alliviando a atarefada mãe na lida do casebre.

Só o mais novo dos rapazes em nada se empregava que prestasse; era um inutil; não que elle fosse falto de juizo; pelo contrario, excedia em esperteza qualquer dos irmãos ou das irmãs; mas era enfezadito, debil de musculo; e bem cedo os paes se convenceram de que aquelles braços tenros não haviam nascido para a enxada. — «Faça-se d'elle um bonzo», — combinaram; e foi n'esta intenção que um bello dia

decidiram leval-o ao templo do logar, e á presença do velho sacerdote, que era como quem diz — o prior d'aquella freguezia. — O pae fallou e expoz a questão, em quanto que a mãe approvava com a cabeça; o reverendo, que em breve trecho descobrira rara sagacidade na creança, consentiu em tomal-a por pupillo, pensando talvez intimamente que alli o acaso lhe trazia um digno successor, quando a hora lhe chegasse de despedir-se d'este mundo.

E ficou tudo resolvido.

*

* *

O noviço mostrou-se, desde os primeiros dias, submisso, intelligente e piedoso; e tambem — valha a verdade — não lhe iam mal a rude tunica amarella e a cabecita rapada á navalha, de preceito; mas como não ha formosa sem senão, segundo um proverbio portuguez (e a philosophia dos proverbios se applica á humanidade inteira), tinha um defeito o rapazito: pintar gatos. Expliquemos o caso, que é curioso: nas horas de sueto ou nas horas de estudo, no templo, na cella, no jardim, em toda a parte onde estivesse punha-se a pintar gatos; e tão bem os pintava, — faça-se-lhe justiça n'este ponto, — que nenhum pintor até então pintou gatos melhor do que o fradinho. As paginas dos livros sagrados do convento, as paredes, os biombos, os pilares, as arvores, os rochedos, — forte mania de creança! — tudo servia, tudo era tela para exercer a sua pecha. Por onde elle passava, por onde se quedasse dois minutos, era logo a successão

interminavel de desenhos, eram as curvas caprichosas dos travessos felinos, de todos os tamanhos, em todas as posturas, creio que até enjaneirados, os olhos redondos, esbrazeando as duas orelhas espetadas, o côtosito alçado e petulante (os gatos japonezes não têem rabo), a garra atrevida posta em guarda... Está-se a adivinhar com que azedume o reverendo acolhia taes desmandos; vezes sem conto reprehendeu o *artista* (como por ironia lhe chamava), tentando dissuadil-o d'aquella triste balda, que nem lhe permittia estudar com attenção os velhos alfarrabios do budhismo, de tão necessaria sciencia ao seu santo mister. Intento inutil: não por maldade, por instincto, quanto mais lhe prohibiam a proeza, mais ia pintando gatos o teimoso. Até que finalmente, em certa occasião, o reverendo perdeu de todo a paciencia e gritou ao moço incorregivel: — «Vae-te embora! Foge da minha vista!... Bom padre, nunca serás seguramente; serás talvez um bom pintor.» — A ordem era terminante. Foi facil ao mocinho entrouxar os seus poucos haveres, pôz a trouxinha ás costas, e fez uma mesura ao padre mestre.

*

* *

Eil-o na rua, escorraçado, em bem angustiosas condições. Que fazer? Tremeu de voltar ao lar domestico, onde o pae, mui certamente, o puniria da sua teimosia. Lembrou-se então que a quatro leguas de distancia havia uma outra aldeia, com um templo cheio de bonsos, e para lá se encaminhou, disposto a pedir abrigo e protecção aos padres. Era notorio que

o tal templo desde alguns mezes se achava abandonado, por n'elle ter entrado um demonio, um espirito malfazejo, como tantos que abundavam então pelo Japão; muitos guerreiros animosos se tinham decidido a ir lá dentro, mas nem um só voltou; porém estas noticias, que iam já apavorando aldeias e cidades em redor, nunca haviam chegado aos ouvidos do pequeno.

Era já noite escura quando alcançou a aldeia; o povo dormia nas choupanas; ao fundo da rua principal, e sobre um dorso de collina, de entre a rama das mattas erguia-se o templo magestoso, e uma luz interior bruxoleava, luz de esperança para a misera creança. Luz de esperança parecia: mas o povo bem a tinha por feiticeira do diabo, que assim manhosamente ia attrahindo algum caminheiro solitario em busca de poisada. Bate ao portal uma primeira vez, bate segunda vez, bate terceira, sem que ninguem acuda ao chamamento. Por fim percebe que basta empurral-o para abril o; e então, por um leve impulso dos seus braços, achou livre o ingresso, e assim entrou, largando dos pés nús as suas sandalias poeirentas.

Nos aposentos interiores ardia uma lampada com effeito; mas nem um bonso só, de tantos que alli deviam estar, apparecia. Julgou que tinham ido dar o seu passeio e que em breve voltariam, e resolveu esperal-os. O tempo ia passando, e os seus olhos curiosos de garoto entretinham-se em devassar o aspecto do sitio onde se achava. Notou com espanto que abundava o lixo, e pelo tecto as aranhas iam tecendo sem cerimonia as suas longas teias; era estranho que, sendo em regra os templos, mimos de limpeza e de cui-

dados, aquelle se encontrasse em tal desleixo, como se fôsse coisa abandonada. E' que, provavelmente, aos santos bonsos faltava o auxilio d'um acolyto, a quem, como de praxe, cabe o dever de todas as manhãs lavar, varrer e sacudir o pó, arte exercida no Japão com especial disvelo; e concluiu logicamente que bom acolhimento lhe fariam, no proprio interesse da communidade.

Agora o rapazito, proseguindo no exame, fixa o olhar n'um movel que o captiva, que é um grande biombo que tem em sua frente, com as duas faces brancas; passára-lhe na mente o irresistivel desejo de encher aquellas faces de gatos, de cem gatos, de mil gatos, lindos, felpudos, assanhados, com as bigodeiras hirtas e os olhos chammejantes; e uma subita alegria illuminava-lhe o rosto sonhador... Pensado e resolvido. Cerca encontrou a classica escrivaninha japoneza, — a caixa com os pinceis, com a gota de agua n'um deposito metalico, com o pedaço de tinta negra e com a loisa onde esta se prepara. — Mãos á obra. O pincel voava em curvas humoristicas; a mãosinha inspirada corria, pullava de alto a baixo, ponto aqui, rabisco alli, traduzindo a impressão propria com habilidades prodigiosas. Assim fôram apparecendo, sobre aquella tela improvisada, ranchos e ranchos de gatos adoraveis; e tantos gatos desenhou, e tantas horas correram, sem que os bonsos voltassem do passeio, que o pobre garotito sentiu-se de repente cheio de somno e de fadiga; n'um cubiculo contiguo se recolheu e se fechou; estendeu-se sobre a esteira, e em breve adormeceu.

*

* *

Lá pela noite velha, um barulho inaudito, como se uma terrivel lucta se travasse entre mysteriosos combatentes, despertou a creança. Os gritos, os gemidos, o ruido dos corpos que caiam, vinham de perto, do aposento visinho onde estivera; tremiam as paredes, o chão, a casa toda; a pelleja durou até á madrugada. Como elle soffria de pavor! Caido sobre a esteira, immovel, parecia coisa morta, sustendo o proprio folego, para que a sua presença não fôsse presentida...

Já com a manhã clara e sol bem alto, ergueu-se então, e animou-se a espreitar um pouco para fóra, por uma fenda da parede. Foi medonho o que viu. No chão grandes poças de sangue se alastravam; e mesmo ao meio da casa, jazia morta, esphacelada, uma enorme ratazana, — maior do que uma vacca!... Mas quem matára o monstro, se ninguem parecia ter entrado? Reparou por acaso no biombo, onde horas antes pintára tantos gatos; lá os viu, mas com os focinhos lambusados de sangue e as patinhas igualmente; eram elles que tinham dado cabo do demonio...

*

* *

O mocinho tornou-se, com o correr do tempo, um grande artista. Ainda hoje se admiram muitos gatos pintados pelo seu pincel inimitavel.

*

* *

O chronista de quem extrahi esta legenda, nada conclue, como moralidade, da historia que narrou. Concluirei eu o que bem me parecer, se m'o permittem. Em primeiro logar, pouco propenso a crêr em coisas do diabo, embora mesmo no Japão, concluo que, se a rata do convento era tão grande, é que a despensa se achava provida com um enorme arsenal de gulodices; o que, a despeito de tanto que se diz dos frades de outras terras, dos frades portuguezes por exemplo, faz honra á sobriedade de habitos dos maganos, pois não consta que jamais os presuntos e a marmellada de reserva nutrissem uma rata lambareira até attingir igual tamanho. Concluo ao mesmo tempo, humilhado, confundido, que os pintores do meu paiz estão bem longe do traço creador dos pintores do Dai-Nippon. Por ultimo (e talvez esta final conclusão seja a mais util), vejo que ás vezes as nossas qualidades, de que os outros se riem e escarnecem, são as que mais nos valem n'este mnndo.

WENCESLAU DE MORAES.

TYPOGRAPHIA ADOLPHO DE MENDONÇA

46, 48 — Rua do Corpo Santo — 50, 1.º e 2.º

TELEPHONE 1491

LISBOA

Gravura — Encadernação

Impressão em todos os generos. = Perfeição, promptidão e economia.

Trabalhos commerciaes, taes como: facturas, enveloppes, papel timbrado, recibos, etc., etc.

Esta casa executa trabalhos de vulto, como relatorios, theses, fornecimentos para bancos e companhias, repartições do Estado, etc., etc.

As nossas installações, machinismo e material, estão em condições de produzir os melhores trabalhos desde a simples impressão ao mais completo trabalho graphico.

Entre muitos trabalhos de vulto executados nas nossas officinas mencionamos os relatorios e actas do *Congresso Internacional de Medicina*, *Annuario do territorio de Manica e Sofala*, *Medicina Contemporanea*, *Boletim da Real Associação de Agricultura*, *Boletim da Sociedade Propaganda de Portugal*, etc.

PERFEIÇÃO, PROMPTIDÃO E ECONOMIA

Acceitamos encommendas da provincia ilhas e Brasil as quaes vão a cobrar pelo correio.

Typographia Adolpho de Mendonça

LISBOA

O diabo verde, amarello, azul e vermelho...

Os curiosos effeitos das côres complementares que abaixo assignalamos, podem constituir um alegre e innocente passamento n'uma noite de inverno em familia.

Não se assustem os leitores que nós não fazemos bruxarias. O que vamos expôr é um curioso phenomeno optico devido á persistencia das impressões luminosas na nossa retina. O diabo entra aqui

sómente para tornar o phenomeno mais interessante, mais espectaculoso.

Recortemos n'um bocado de cartão um pequeno diabo e colloquemol-o entre uma parede clara e duas velas accesas, postas sobre uma mesa e a certa distancia uma da outra. Que succede? O que toda a gente sabe: sobre a parede projectar-se-hão duas som-

bras negras do demonio .. de cartão, correspondentes á projecção da luz de cada uma das velas sobre a infernal figura. Até aqui nada ha de extraordinario. Mas, se, entre a vela da direita e o diabo, interpozermos um vidro vermelho, um copo cheio de agua ligeiramente tinta de vinho, por exemplo, dar se-ha o curioso phenomeno a que acima alludimos. A' primeira vista affigurar-se nos-ha que a sombra da esquerda desappareceu, conservando-se apenas a da direita colorida de vermelho, mas, se repararmos bem, descortinaremos a sombra da esquerda colorida de verde pallido que é a côr complementar do vermelho.

Se em vez do copo de agua tinta com um pouco de vinho, interpozermos um copo cheio de cerveja, clara e transparente, o diabo da direita apparecer-nos-ha amarello e o da esquerda de côr violeta. Se agora colorirmos ligeiramente de azul a agua contida n'um copo, misturando-lhe um pouco de anil usado pelas engommadeiras, o diabo da direita surgir-nos-ha azul e o da esquerda alaranjado.

E, inversamente, se colorirmos a agua com um pouco de Kerman verde, de tinta roxa de escrever ou de curaçáo, o diabo da direita apparecer-nos-ha successivamente verde, violeta e alaranjado e o da esquerda vermelho, amarello e azul.

Duas rosas

Que bonita, meu amor!
Que perfeita, que formosa!
A ti puzeram-te Rosa,
Não te fizeram favor;
A rosa quem ha que a veja
Bandeando, sem gostar?
Mas por mais linda que seja
A rosa quando se embala,
Não te ganha nem eguala
A ti em indo a andar!

A rosa tem linda côr,
Não ha flôr de côr tão linda;
Mas a tua côr ainda
E' mais fina e é melhor!
Murcha a rosa, que desgosto!
Só de lhe a gente bulir;
E essas rosas do teu rosto
E' em alguem te tocando
Que parece mesmo quando
Ellas acabam de abrir!

Cheiro o da rosa, esse não,
Não é mais do meu agrado,
Que o teu bafo perfumado,
A tua respiração!
Depois a rosa em abrindo
Vae-se-lhe o cheiro tambem;
A tua bocca, em te rindo,
Só o bom cheiro exhala!
E quando fallas, a falla,
Isso é que a rosa não tem!

Ella que tem, meu amor?
O cheiro, a côr e mais nada.
Confessa, rosa animada,
Que és outra casta de flôr!
Os olhos só elles valem
Duas estrellas, bem vês;
Pois vozes que a tua egualem
Na doçura, na pureza...
Na terra não, com certeza;
Agora no céo... talvez!

Não ha assim perfeição,
Não ha nada tão perfeito!
Mas é um grande defeito
O de não ter coração!
N'isso é que te leva a palma
A rosa sendo uma flôr
Sem voz, sem vida, sem alma...
Que abre logo á luz da aurora,
E á noite esconde-se e chora
Pelo sol, o seu amor!

Ora e se a rosa, vê bem,
Tem amor, não tendo vida,
Será coisa permittida
Tu não amares ninguem?
Cuidas que Deus te agradece
Essa isenção, minha flôr!
Deus a ninguem reconhece
Por filho senão quem ama...
A terra e o céo proclama
Que elle é todo puro amor!

João de Deus.

NUNCA MAIS

Talvez a folha, que alli vae no vento,
te volte aos ramos, arvore, que choras...
Não voltam as que leva o esquecimento!
São as folhas do tempo, são as horas.

A folha, que revoa pelos rasos
nas azas dos tufões, é feliz, ella!
que até desfeita em pó, nos seus acasos.
póde ás vezes o vento alli trazel-a.

E póde entre as raizes do arvoredo
ir na seiva do ramo, onde nascera,
tornando a ser ainda, tarde ou cedo,
nova folha de nova primavera.

Mas quem me dera a mim achar no vento
em horas de saudade, em horas tristes
um pó, que fosse vosso, um só momento,
folhas do tempo, que a voar fugistes.

FERNANDO CALDEIRA.

Almirante Ruyter

Nenhum hollandez póde, sem profunda commoção, ouvir pronunciar o nome de Miguel Adriano Ruyter, tão intimamente ligado está esse nome ás paginas mais gloriosas da historia da Hollanda. Por isso, ainda ha bem pouco tempo celebrou este paiz, com explendidas festas, o tricentenario do seu nascimento, associando-se ás manifestações de veneração pela memoria do mais illustre marinheiro hollandez, os governos e associações de quasi todos os paizes, entre os quaes o governo e varias associações portuguezas.

Ruyter nasceu em 1607, em Flessinga, Zelandia, e era filho de paes muito pobres que o collocaram, na edade de 10 annos, a trabalhar em casa d'um cordoeiro; a cordoaria era n'aquelle tempo uma das mais florescentes industrias que levava facil e rapidamente á fortuna, mas o futuro almirante sentia uma irresistivel inclinação para o mar e aos 11 annos abando-

donou a industria das cordas e embarcou como moço n'um navio de guerra, iniciando assim a sua brilhantissima carreira maritima pelo posto mais infimo da hierarchia naval.

A sua magnifica disposição para a vida que escolhera, a sua aptidão e clara intelligencia, depressa o salientaram aos olhos dos superiores e Ruyter foi subindo successivamente de posto nas suas longas navegações, ora em navios de guerra, ora em navios mercantes, até que, após 23 annos de serviço no mar, foi nomeado capitão de mar e guerra da marinha das Provincias Unidas, nome por que era conhecida então a Republica dos Paizes Baixos. N'esse posto navegou ainda mais 10 annos em demoradas e longinquas expedições e viagens, e em 1652, possuindo já alguns bens de fortuna, recolheu á Hollanda com a intenção formada de abandonar o serviço do mar para os gozar em paz e socego. Contava então 45 annos.

Tinha, porém, rebentado a guerra entre a Inglaterra e a Hollanda e este paiz aprestava a armada que, sob o commando do almirante Martinho Tromp, havia de oppôr-se aos inglezes e que era constituida por esquadras custeadas por cada uma das provincias que formavam o Estado. Os zelandezes escolheram Ruyter para o commando da sua e o valente marinheiro não pôde eximir-se ao honroso encargo que lhe impozeram os seus concidadãos. Teve que renunciar aos seus projectos de vida pacifica e retirada. A esquadra era composta de navios de segunda ordem, de trinta a quarenta canhões e equipagens reduzidas

de marinheiros e soldados; os navios inglezes eram quasi todos de primeira ordem, muito superiores em numero de canhões e homens. Ruyter não se preoccupou porém com isso, e, logo n'esse anno, em 16 de agosto de 1652, atacou, á vista de Plymouth, uma esquadra ingleza muito superior á sua, commandada pelo vice-almirante Jorge Askue, derrotou-a, obrigando-a a procurar refugio dentro do porto e dispunha-se a perseguil-a para acabar de a destruir, quando um salto de vento o impediu de realizar o intento.

No fim d'esse anno o almirante Tromp alcançou perto de Portland, sobre a esquadra ingleza commandada por Blake, uma assignalada victoria, mas para esse brilhante resultado contribuiu Ruyter de tal modo que os Estados Geraes lhe testemunharam publicamente a sua satisfação.

No decorrer d'essa guerra, que durou até 1654, parece que Ruyter e Tromp, no dizer dos historiadores, disputavam o premio do valor. N'ella soffreram os inglezes perdas materiaes consideraveis e os hollandezes perderam o seu valente almirante, morto por uma bala no seu posto de combate, no catavento do seu navio.

N'essa batalha, a 10 de agosto de 1654, as duas armadas combateram com tal encarniçamento que não se separaram senão depois de terem ambas esgotado as munições, e, por assim dizer, terem-se reduzido mutuamente á impotencia.

Seguiu-se entre as duas nações um armisticio mais ou menos imposto pelas circumstancias. A perda soffrida pelos hollandezes não era irreparavel, porque lá

estava Ruyter, mas êste, comprehendendo que seria uma cara temeridade continuar a guerra naval nas condições de inferioridade material que desde o começo eram manifestas, apoiou com a sua auctoridade o partido que reclamava a paz, e esta fez-se em condições algum tanto humilhantes para a Hollanda, mas de que os hollandezes contavam desforrar-se a breve praso.

Entretanto Ruyter, promovido ao posto de vice-almirante da Hollanda, foi cruzar para o Mediterraneo, onde perseguiu sem quartel os corsarios berberescos, aos quaes queimou, afundou ou apresou seis grandes navios, retomou tres que os corsarios haviam apresado algum tempo antes aos hollandezes, deu liberdade a um grandissimo numero de prisioneiros christãos e fez a paz com a regencia de Salé.

E já que fallamos n'esta regencia, não deixaremos de citar uma das proezas de Ruyter, quando ainda simples capitão d'um navio mercante armado em guerra.

Tendo chegado no seu navio ao porto de Salé, que fica na foz d'um pequeno rio, e, encontrou a entrada tomada por cinco navios corsarios de Alger. Ruyter, que precisava de abastecer-se de mantimentos, apezar da desproporção das forças, não hesitou e forçou a entrada, destroçando os corsarios, cujos capitães ficaram prisioneiros. Os mouros de Salé, presenciando a acção, enthusiasmaram-se tanto que acclamaram com delirio o marinheiro hollandez e quizeram que elle entrasse na cidade em triumpho, montado n'um magnifico cavallo, seguido dos capitães corsarios a pé.

Mas voltemos á carreira militar do grande almirante.

Em 1659 foi Ruyter mandado com uma esquadra a soccorrer o rei da Dinamarca que estava em guerra com a Suecia, a qual contava a Inglaterra como alliada. O rei Christiano IV da Dinamarca tinha então a sua residencia na ilha de Amach e Ruyter foi alli chamado para uma conferencia com os embaixadores da Suecia e da Inglaterra afim de tratar dos preliminares da paz. Os representantes d'estes dois paizes entabolaram porém a conversação com um tal tom de superioridade e altivez que Ruyter, indignado, levantou-se, recuou alguns passos e pondo a mão nos copos da sua espada, disse-lhes: «Fazei antes projectos com as vossas armadas que eu as destruirei com a minha espada». E retirou-se. A paz não se ajustou e Ruyter partiu logo a bloquear a cidade sueca de Niborg, de que se apoderou, assim como de toda a ilha de Funen.

Dez annos tinham decorrido sobre o tratado de paz entre a Hollanda e a Inglaterra, quando novamente rebentou a guerra entre estas duas nações, em 1664. A Inglaterra visava o commercio hollandez que lhe fazia grande sombra e, segundo os costumes do tempo, os navios inglezes começaram primeiro por infligir, sempre que se lhes proporcionava occasião, vexames varios aos navios mercantes hollandezes que encontravam no mar, até que, sem prévia declaração de guerra, uma esquadra, commandada por Holmes, partiu do Tamisa e seguiu furtivamente para a costa d'Africa, onde se apoderou por surpreza do

Cabo Corso e da ilha da Gorêa que pertenciam aos hollandezes, partindo d'ahi para a America a atacar os estabelecimentos da mesma nacionalidade. Conhecidos estes acontecimentos, Ruyter recebeu ordem de aprestar a sua esquadra para reconquistar aquellas colonias e dar caça á esquadra ingleza. Rapidamente cumpriu a sua missão. A ilha da Gorêa foi retomada e na costa africana tudo foi restabelecido no pé anterior; d'alli partiu Ruyter para a America onde obteve os mesmos resultados, fazendo pagar muito caras as violencias de que haviam sido victimas os seus compatriotas.

Entretanto, nos mares da Europa era a armada hollandeza, commandada pelo barão de Opdam, completamente derrotada pelos inglezes depois de nove horas de combate encarniçado.

A Hollanda não desanimou, porém, pois que Ruyter voltava da America victorioso e, reunindo tudo quanto restava da marinha hollandeza, conseguiu juntar ainda noventa e tres naus de linha. Essa respeitavel armada foi, porém alguns dias depois da sua sahida de Texel, destroçada por um grande temporal que avariou gravemente alguns dos navios e afundou outros. Parecia que tudo se conspirava contra a energica Republica. Entretanto intervinha Luiz XIV com os seus bons officios, pelo que foram suspensas as hostilidades por alguns mezes, mas não tendo obtido resultado algum da sua mediação, o rei de França declarou-se, em 1666, abertamente a favor da Hollanda, á qual o ligava um tratado de alliança e prometteu-lhe o concurso da sua armada. Em vão esperaram por ella

os hollandeses que, desconfiando da sinceridade da politica do *rei-sol*, decidiram proceder sem esperar mais tempo o promettido auxilio.

N'essa conformidade sahiu Ruyter de Texel á testa de noventa e uma naus de linha, doze fragatas e treze *brulotes*, dirigindo-se para a costa ingleza em procura da armada inimiga, que era commandada pelo principe Ruperto, commandando a segunda esquadra o celebre Monck, então duque de Albermale. O principe Ruperto tinha-se destacado com 25 navios para estorvar os movimentos da esquadra franceza, que suppunha ter sahido de La Rochelle com o fim de se juntar á hollandeza.

Monck, sabendo que esta estava proxima, suspendeu o ferro, apezar do parecer em contrario do seu estado maior, e sahiu para o mar ao encontro do inimigo, não podendo resistir á tentação d'uma victoria que julgava certa.

Ruyter achava-se fundeado na costa ingleza ao abrigo d'uma ponta, quando a 11 de junho avistou no horisonte a esquadra de Monck. Esperou-a fundeado e assim ficou até o inimigo chegar ao alcance de tiro. N'esse momento, porém, mandou picar as amarras, largou as velas e rompeu o fogo com tal energia e impetuosidade que logo de principio causou nos navios inglezes consideraveis avarias. Estes, pelo seu lado, batiam-se como leões, e Ruyter, assim como Cornelio Tromp que commandava a vanguarda, foram obrigados a mudar de navio durante a peleja. Já com tres naus de linha e dois navios de menor importancia afundados e muitos outros gravemente avariados, a esquadra

ingleza pareceu querer retirar e o combate foi suspenso, mas, envergonhada talvez de fugir nas suas proprias aguas e á vista dos seus compatriotas, voltou ao logar da batalha que recomeçou com mais ardor e encarniçamento e só terminou ás 10 horas da noite. Aos primeiros alvores da manhã do dia seguinte, continuou a formidavel lucta, prolongando-se pelo dia inteiro, durante o qual perderam os inglezes oito dos seus maiores navios, queimados ou submersos, e uma nau que encalhou quando procurava fugir, na qual se achava embarcado o almirante Askue que Ruyter aprisionou, dando-lhe em seguida o espectaculo do incendio do seu navio. No dia seguinte continuou ainda a lucta; Monck, cada vez mais enfraquecido pelos enormes revézes que soffria a sua esquadra, decidiu subtrahir-se ao fogo dos hollandezes e entrou no Tamisa, onde se encontrou com a esquadra do principe Ruperto que regressava da costa franceza com a certeza de que d'ali não sahira esquadra alguma. Os dois almirantes resolveram tirar, reunidos, um grande desforço dos hollandezes e no dia seguinte, 14 de junho, voltaram para o mar a offerecer batalha a Ruyter. Este, porém, atirou-se a elles com tal energia, denodo e valentia que d'ahi a pouco estava a armada ingleza desordenada, com a maior parte dos navios desarvorados e outros presa das chammas. Valeu-lhe, para escapar a uma total destruição, cahir sobre as duas esquadras um densissimo nevoeiro que lhes tolheu completamente os movimentos e que os inglezes aproveitaram para fugir.

N'essa memoravel *batalha dos quatro dias*, como

cou sendo conhecida na historia maritima, perderam s inglezes vinte e tres naus de linha e muitos navios e 2.ª ordem, seis mil homens mortos entre os quaes vice-almirante Berkeley e dois mil e seiscentos pri-oneiros entre os quaes o almirante Askue. Os hol-ndezes perderam seis naus de linha e dois mil e itocentos homens mortos ou feridos, contando-se ntre os mortos o logar tenente almirante Evertzen.

Reparadas as avarias d'uma parte e outra, nova-nente se encontraram as esquadras 40 dias depois, a 4 de julho, travando-se a batalha com extraordina-io vigor. Logo de começo foi afundada a nau almi-ante da vanguarda hollandeza, perecendo o vice-lmirante Bankoert e estabelecendo-se o panico de ue resultou ser aquella parte da armada hollan-eza destroçada pela vanguarda ingleza. Ao mesmo empo Cornelio Tromp que commandava a recta-uarda, atacou a rectaguarda ingleza com tal furor ue a desordenou e poz em fuga, mas, começando a erseguil-a, abandonou o centro da esquadra, com-nandado por Ruyter, em frente das duas formidaveis ivisões inimigas que ficaram na linha. Os inglezes proveitaram-se logo da circumstancia e envolveram grande almirante hollandez, o qual todavia abriu aminho á viva força atravez da linha inimiga, effe-tuando com as suas oito naus uma retirada brilhante, nde demonstrou mais uma vez as suas grandes quali-ades de chefe de esquadra. Luiz XIV, sabendo dos ormenores da batalha, escreveu aos Estados Geraes ue «Ruyter tinha manifestado uma brilhantissima ntelligencia e altissima coragem, porque tinha prati-

cado um feito superior ás forças humanas.» Com effeito Ruyter com oito naus, apenas, havia resistido a vinte e duas naus inimigas commandadas por dois almirantes.

Os Estados Geraes mandaram prender Cornelio Tromp e demittiram-no do seu posto, como unico culpado do desastre soffrido, e immediatamente começaram a preparar a desforra. A 14 de junho do anno seguinte, 1667, Ruyter, á testa d'uma armada de setenta naus e deseseis brulotes, fundeou na foz do Tamisa. Duas das suas naus, apoiadas por dez fragatas e navios menores e dois brulotes, subiram pelo rio acima e apoderaram-se do forte de Sherness que arrazaram. Ruyter chegou então com toda a armada e foi subindo o rio, destruindo em Medway tres grandes navios de guerra, assenhoreando-se do castello de Upnor, destruindo mais quatro enormes naus em Blackwall e nove em Wooliwch, apprehendendo uma grande quantidade de munições de guerra e incendiando os respectivos armazens. O panico foi geral em Londres e o rei Carlos II preparou-se para fugir. Mas Ruyter, obedecendo talvez a um excesso de prudencia, renunciou ao designio de subir até Londres, sahiu do Tamisa, com grande espanto dos proprios inglezes, e foi destruir varios navios nos golphos de Harwich e Torbay, depois de ter posto em fuga uma esquadra commandada por Spragh; em seguida espalhou o terror por toda a costa ingleza.

A 31 de julho de 1667 era assignada a paz. Não foi porém de longa duração, pois nos fins de 1671 a Hollanda encontrava-se de novo a braços com a guerra

e d'esta vez contra a Inglaterra e a França alliadas. Ruyter, á frente d'uma armada de noventa e um navios e quarenta e quatro brulotes, partiu ao encontro das esquadras alliadas, avistando-as a 7 de junho de 1672, fundeadas entre Harwich e Yarmouth, e travando logo uma encarniçada batalha cujos resultados não foram decisivos, sendo todavia Ruyter o ultimo a abandonar o campo da acção e ficando as esquadras alliadas em estado de nada mais de importante poderem tentar durante o resto do tempo que durou a guerra a qual continuou em terra.

Mas isso foi já um magnifico resultado.

A guerra em terra corria mal para a Hollanda. Luiz XIV estava ás portas de Amsterdam e Guilherme de Nassau, principe d'Orange, joven de 22 annos, que commandava o exercito hollandez, não podia ou não sabia oppor-se aos progressos do inimigo. E o povo que, n'estas supremas crises, procura sempre uma explicação que dê satisfação ao seu amor proprio, accusou de traição o chefe do Estado João de Witt e, revoltando-se, trucidou-o e a seu irmão, o almirante Cornelio de Witt, proclamando Guilherme d'Orange, o general vencido, *stathouder* da Hollanda. Ruyter, que era amigo intimo dos irmãos Witt, quando soube do seu assassinato, protestou energicamente contra a injustiça do povo e esse protesto foi tomado pelo povo á conta de cumplicidade na pretendida traição de Witt. Em consequencia d'isso, emquanto Ruyter á testa da armada hollandeza defendia o seu paiz, o povo, excitado, atacava-lhe a casa, e foi necessaria a dedicação, levada até ao sacrificio, de alguns amigos,

para salvar a mulher e os filhos do grande almirante do furor cego da populaça. E mais tarde esse illustre marinheiro que sempre se conservou affastado dos partidos e das intrigas politicas, só a uma feliz circumstancia deveu escapar illeso d'uma tentativa de assassinato.

A revolução da Haya não modificou todavia a alta situação de Ruyter que apparece de novo, em 1673 á frente d'uma grande armada, tendo sob as suas ordens Cornelio Tromp reintegrado no seu posto pelo *Stathouder*, a combater as esquadras alliadas da França e Inglaterra que procuravam apresar os comboios precedentes das Indias Orientaes e operar um desembarque em territorio hollandez. Feriram-se tres grandes batalhas em que foram praticados prodigios de valor e habilidade, e, se nenhuma d'ellas terminou por uma brilhante victoria, certo é que Ruyter soube impedir que os alliados realisassem os seus objectivos E outro resultado obteve. Tendo as esquadras alliadas em chéque, aplanou o caminho aos Estados Geraes para as negociações que entabolaram com o re de Inglaterra e que terminaram por o destacar da alliança com Luiz XIV.

Em 1675 foi Ruyter para o Mediterraneo em auxilio do rei de Hespanha contra o qual se haviam revoltado os sicilianos auxiliados pela França. Avistando a esquadra franceza commandada por Duquesne deu-lhe batalha em 22 de abril de 1676 e n'elle encontrou o illustre marinheiro hollandez a morte, prostrado no seu posto de honra por uma bala inimiga. Ferido gravemente continuou, todavia, a dirigir a manobra da

sua esquadra n'uma habil retirada, vindo a morrer em 29 de abril no porto de Syracusa.

O feretro do intrepido homem do mar foi recebido com extraordinaria pompa na Hollanda, onde lhe foram feitas exequias nacionaes.

Ruyter era homem religioso, de costumes austeros, sinceramente republicano, de uma rara modestia e de extrema simplicidade de maneiras. Era tão affavel e lhano no seu tracto particular, como heroico e sublime no meio dos perigos e dos fragores das batalhas.

Quando soube da sua morte, Luiz XIV mostrou-se penalisado e disse: «Era um formidavel inimigo, mas era um homem que honrava a humanidade e a sua morte é uma verdadeira desgraça.»

MAÇADA LYRICA. 231

Formar o nome de uma opera com as lettras da seguinte phrase:

L. NEGRINHO

(Pintakzas)

CHARADA ADICCIONADA. 232

Terra portugueza — 2
— men —
Terra portugueza — 3

(D. Chicote).

Perola negra

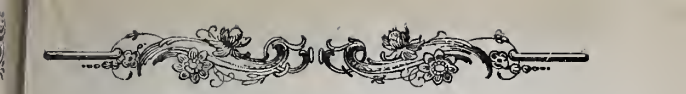
Quebraram-te o diamante, que engastaste
em ti mesmo, e quebraram-te metade
fazendo-te, alma d'oiro, o triste engaste
d'essa perola negra da saudade.

Pobre alma espedaçada, a tempestade
levou-te a flor, ó mutilada haste,
a flor, a vida, tudo, e tu ficaste
fitando tristemente a immensidade.

Ficaste, como o mastro, que nos mares
surge das ondas, que lhe têm no seio
o esquife, a que está preso, até quebrares.

Ai! foge, tens razão, foge da terra,
que só se abriu para engulir-te em meio
amarrado á metade, que ella encerra.

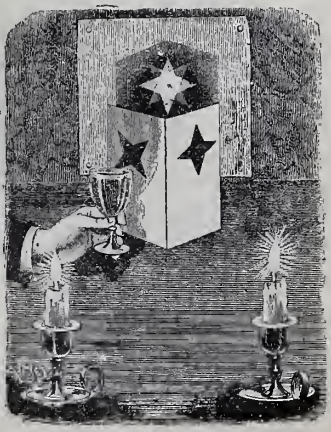
FERNANDO CALDEIRA.



A estrella tricolor

Os curiosos effeitos das côres complementares que abaixo assignalamos, pódem constituir um alegre e innocente passatempo em noite de inverno em familia.

Dobremos uma folha de cartão em angulo diedro, dando-lhe um ar de pequeno biombo de duas portas. Fechemol-o; proximo da parte superior de uma das faces traçemos a lapis duas linhas perpendiculares que se cruzem e de modo que, considerando o pequeno biombo direito, uma seja vertical; no ponto de cruzamento espetemos a ponta de um compasso até marcar esse ponto na outra face. Na primeira recortemos segundo as linhas traçadas, uma estrella de quatro ramos e, fechando de novo o pequeno biombo, marquemos na outra face a dire-



cção de duas linhas perpendiculares entre si que se cruzem no ponto ali marcado com o compasso e que façam com a direcção das diagonaes da estrella cortada na primeira face, um angulo de 45 graus. Abrindo o cartão, tracemos na outra face as linhas e, segundo ellas, recortemos uma estrella tambem de quatro ramos.

Feito isto, colloquemos o pequeno biombo sobre uma mesa, em frente de duas velas accesas da mesma altura, com a abertura do angulo das duas portas voltada para uma parede clara na qual apparecerá a sombra do cartão com duas projecções luminosas corréspondentes ás estrellas. Abrindo ou fechando as duas portas até que aquellas projecções luminosas coincidam, apparecerá na parede uma estrella luminosa de oito ramos.

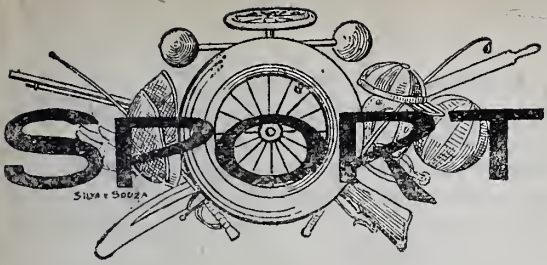
Se, porém, deante d'uma das velas pozermos um copo com agua ligeiramente tinta com um pouco de vinho, apparecerá no centro da projecção luminosa uma bella estrella branca de oito ramos e as pontas exteriores da projecção serão alternadamente verdes e vermelhas. Se a agua do copo fôr tinta de azul as pontas exteriores serão alternadamente alaranjadas e azues, se a agua fôr tinta de roxo as pontas apparecerão alternadamente amarellas e de côr violeta, etc.

PERGUNTA JORNALISTICA.

233

Qual é o jornal mais digno de desprezo?

(Anthero de Carvalho).



No estrangeiro

Hippismo

O grande *criterium* de Longchamp despertou grande enthusiasmo e, tanto, que, apezar do dia se apresentar de aspecto duvidoso, a receita foi enorme, attingiu 75000 francos.

VAPORISATEUR, vencedor da taça *Royan*

Para o disputar reuniram-se os melhores *dois annos*, a alguns dos quaes nos temos aqui referido varias vezes, como *Schuyler*, *Bab Azoum*, *Valda* e *Sauge Pourprée*, apresentando-se um, *Monitor*, que este anno ganhou em Inglaterra uma corrida importante.

O grande *criterium* foi ganho por *Sauge Pourprée* que já este anno havia sido a primeira no Omnium de Dois Annos e segunda no *criterium* de Ostende.

O *prix de Madrid* foi ganho por *Jasmin* que, desde o mez de maio, se não apresentava em publico e o *prix du Prince d'Orange* foi ganho por *Bethsaïda* o que causou um certo espanto e não poucas decepções, porque entre os concorrentes achava-se *Punta Gorda* cujas anteriores victorias lhe attrahiram todas as attenções e muitissimas apostas.

—O primeiro dia de corridas internacionaes em Maisons Laffitte teve um successo brilhante e a importancia da prova foi augmentada pela presença de dois cavallos italianos, um dos quaes *Chiaramonte* ganhou este anno na Italia oito corridas de dez em que tomou parte. Nenhum d'elles ganhou todavia em Maisons Laffitte, pois o *handicap de la Tamise* a que elles concorreram, foi ganho por *Ben* d'uma maneira brilhante, conservando sempre uma grande dianteira, desde o principio ao fim da corrida que ganhou por quatro comprimentos. O *prix de la Baltique* foi ganho por *Berkshire* que em Chantilly firmara, já este anno, os seus creditos.

—As corridas de Craon onde se festejou o sexagessimo anniversario da construcção do hippodromo, attingiram uma importancia muito especial, sendo o *prix du Soixantenaire* ganho por Nougat, pertencente a Pantall, o *prix* de la Société *d'Encouragement* por *Indienne*, pertencente a Nadailhac, o *prix du Gouvernement de la Republique* pelo *Radium*, do conde de Fitz James, o *prix de Craon* por *Colette* e o *prix de la Touche* por Flûte que era montada pelo distincto *sportsman* Malherbe.

—O concurso hippico de Royan foi uma festa bri-

lhantissima que deixou maravilhados todos quantos a ella assistiram. Os traçados dos percursos foram estabelecidos com tanta nitidez que, apezar da severidade dos obstaculos, da sua novidade e originalidade, não houve a registar um só erro, nem um só accidente.

No centro do terreno foi estabelecido um grupo de obstaculos fixos: um riacho de 4 metros e um *broock-oppenditsh* composto de tres barras fixas, em rampa ligeira, precedendo um fosso de 1,5 metros, terminado por um talude de $0^{m},80$ por cima do qual se achava um *bull-finch*. Este obstaculo foi causa de saltos verdadeiramente notaveis. Separando o riacho do *oppenditsh* elevava-se n'um comprimento de 10 metros um talude de $1^{m},40$ de elevação, na crista do qual, ao centro, se erguia ainda uma sébe de 1 metro de altura. Pois nem um só cavallo se enganou, nem uma unica falta houve a registar. Nos percursos de caça havia dois obstaculos que faziam a alegria do publico: o obstaculo collocado na proximidade da praia, constituido por um monte de fatos de banho de todos os feitios e côres, postos ao sol a enxugar, e outro, não menos original, formado por um caminho fundo, orlado de duas linhas de verdura, e onde se encontrava um jumento atrelado a uma pequena carroça o qual se ia entretendo a comer herva e, tão entretido estava, que nem sequer arrebitou as orelhas quando por cima d'elle saltaram os 39 cavalleiros.

Automobilismo

Na corrida de Mont-Pilat que se realisou ultimamente e á qual concorreram só marcas francezas ganhou um carro Lorraine-Dietrich, guiado por Rougier. O percurso era 8 kilometros pela encosta da montanha, desde a base ao cume, e portanto muito sinuoso e accidentado. Rougier galgou esses 8 kilometros com uma velocidade média superior a 75 kilometros por hora Já na semana anterior este mesmo Rougier tinha ganho em Ventoux uma corrida no mesmo carro.

Temos que assignalar ainda a victoria de Lacharnay no seu carro La Buire que foi classificado em primeiro logar na sua cathegoria, carros de corrida; e nos carros de recreio Cottin-Desgouttes foi classificado primeiro em duas cathegorias.

As regatas de Arcachon

Foi interessantissima a festa maritima de Arcachon que durou tres dias. Ali reappareceu a canoa automovel apezar das prophecias pessimistas de muitos sobre o futuro d'este genero de *sport* automobilista. O percurso era de 71 kilometros e 880 metros, cinco voltas completas á grande bahia de Arcachon.

Na cathegoria dos *Racers*, ganhou o barco *Rapière* da primeira cathegoria e o *Panhard-Tellier* da segunda. Na primeira cathegoria, a canoa *Rapière* fez os 71 kilometros e 880 metros em 1 hora, 28 minutos e 24 segundos, chegando em segundo logar o *Nau-*

tilus-Mutel e em terceiro o *Motobloc*. Este é um barco novo que pela primeira vez entrou n'uma corrida e alcançou já um logar honroso, e seguir immediatamente a afamados corredores, como *Rapière* e *Nautilus-Mutel*. E fez mais ainda: alcançou o primeiro logar na cathegoria dos *Cruisers* de 8 metros e ganhou o *handicap*, o que quer dizer que é um bello barco ao qual o futuro reserva por certo brilhantes victorias.

Canôa automovel *Motobloc*

Na segunda cathegoria o *Panhard-Tellier* effectuou o percurso em 1 hora, 23 minutos e 41 segundos, com uma velocidade média, portanto, de 51 kilometros e 537 metros, por hora.

Na primeira volta o Lorraine-Dietrick levava 31 segundos de avanço sobre aquelle, na segunda volta 50 segundos e na terceira 1 minuto e 13 segundos. Mas um accidente obrigou-o a abandonar a corrida n'esta altura.

As corridas de chalupas foram muito disputadas e de todos os pontos da costa franceza do Atlantico, da Inglaterra e da Hespanha accorreram a Arcachon numerosos barcos d'esta especie para tomar parte na festa.

No primeiro dia soprou vento de noroeste que, sendo a principio d'uma força regular, enfraqueceu pouco depois, de modo que os barcos difficilmente e só muito tarde poderam completar o percurso.

No terceiro dia, porém, soprou vento de leste que, embora fraco, foi muito favoravel ás corridas, porque conservou sempre a mesma força. Entre as de 10 toneladas, *Ar Men* alcançou tres victorias. As duas primeiras alcançou-as facilmente, mas a terceira foi tenaz e brilhantemente disputada pela velha chalupa Suzette que, apezar de possuir um apparelho muito

Regatas de Arcachon—A *Suzette*

fatigado, foi manobrada com extremada pericia e perdeu apenas por alguns segundos.

Entre os concorrentes contava-se a chalupa *Rainha X*, do rei de Hespanha, barco de aspecto esplendido e magnificas qualidades nauticas que pela fraqueza do vento não poderam salientar-se.

Entre as de 5 toneladas venceu *Titave* barco antigo, mas que parece não soffrer da avançada edade.

Dos barcos de 8 metros, *Feria*, *Maitena*, *Joyeuse*

e *Yvonne*, os dois primeiros mostraram-se sensivelmente da mesma força, avançando ora um, ora outro, segundo as circumstancias. *Chin-Chin* defendeu-se menos mal no *handicap* para chalupas da 2.ª série, de 1 a 2,5 toneladas. No primeiro dia venceu os seus concorrentes *Violetta*, *Aegitna* e *Aiglon*, mas no segundo dia foi vencido por *Aegitna*.

Na série dos 6 metros, ou dos barcos de uma tonelada, o *Feu-Follet* bateu Myrto, *M.me Poulet*, *Verveine* e *Bengali*.

Sport nacional

As regatas de Cascaes

Realisaram-se no dia 6 do corrente na bahia de Cascaes, as regatas que principiaram no dia 29 de setembro e que, devido ao mau tempo não se poderam completar.

Embarcações de vela

Ao meio dia principiou a regata pelas corridas de vela, signal do codigo B, 2 voltas ao triangulo pequeno; largaram as seguintes: *Desdemona*, do sr. Carlos de Abreu; *Mathilde*, do sr. Vasco da Cunha Costa e Almeida; *Alcatruz*, do sr. Frederico de Mauperrin Santos; *Espadarte*, dos srs. Luiz Borges Bandeira de Mello e Custodio Maria Pereira; *Asteria*, dos srs. Domingos Gomes e Raul Pereira; *Athleta*, do sr. Fi-

lippe Taylor; *Gazella*, do sr José Julio Corrêa da Silva, e *Chulita*, do sr. Carlos Vieira Gomes Neves, Percurso 7 milhas ou sejam duas voltas ao triangulo. Ganharam, o 1.º premio a *Chulita*, o 2.º a *Espadarte*. o 3.º a *Alcatruz*, e o 4.º a *Mathilde*.

A corrida de *Cuters* de 4 a 6 toneladas, não se realisou.

Na de *yachts* com armação de latino de 6 a 7,5 toneladas, tomaram parte o *Laura*, do sr. Ricardo Silva; *Emilia*, do sr. Bernardino dos Santos; *Maria do Carmo*, do sr. D. Luiz Vaz de Carvalho Crespo; e *Dinorah*, do sr. Julio da Silva Durão.

Ganharam, a *Maria do Carmo*, e depois, respectivamente, a *Emilia* e a *Laura*.

A 11.ª corrida das canôas *Espadarte* e *Ide*, não se realisou.

Seguiu-se a corrida de canôas dos pescadores do Seixal contra canôas de Cacilhas. Tomaram parte as canôas *Flor do Tejo*, do sr. Vital José; *Basilisa*, *Sena* e *Favorita*, do sr. José Durão. O premio de 50$000 réis, foi ganho pela *Flor do Tejo*, arraes o sr. José Moreira.

A corrida de *yachts* dos banhistas de Cascaes e do Estoril não se realisou.

Nas corridas da 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª classes, tomaram parte o escaler do *yacht* real *Amelia*, a canôa *Azul*, do senhor infante D. Affonso; *Catharina*, do sr. Filippe de Vilhena; *Lena*, dos srs. Frederico Burnay e José Honorato de Mendonça, e *Lacunda*, do sr. Fernando Machado.

Ganharam as canôas *Azul* e a *Catharina*.

Barcos automoveis

Os automoveis foram divididos em 5 classes. Na corrida da 1.ª classe, tomaram parte os seguintes barcos: *Usona*, de sua magestade El-Rei, tripulado por sua alteza o infante D. Affonso; *Cyclone*, do sr. Joaquim Soares Franco; *Salvé*, do sr. Ignacio Pereira. Percurso 17 1/2 milhas ou sejam 5 voltas ao triangulo. Ganharam a *Usona* e *Cyclone*. A *Salvé*, que levava um grande avanço, teve um desarranjo no motor, que a impediu de continuar a correr.

Na corrida da 2.ª classe, 14 milhas ou sejam 4 voltas ao triangulo, correram o *Magda*, do sr. Carlos de Mello e *Faisca*, do sr. Henrique Peixoto. Ganhou o *Magda*

Na corrida da 3.ª classe, o mesmo percurso, tomaram parte os barcos: *Electrico*, de Sua margestade El-Rei, e *Ondina* e *Maria*, do sr. Augusto Assis. Ganharam a *Ondina* e o *Electrico*.

Na corrida da 4.ª classe, com o percurso de 10 1/2 milhas ou sejam 3 voltas ao triangulo pequeno, correram os barcos: *Sarah*, do sr. George Norton; *Pampeiro*, do sr. Manuel de Castro Guimarães; *Cysne*, do sr. Filippe de Vilhena, e *Forward*, do sr. Joaquim Soares Franco. Ganharam o *Sarah* e *Pampeiro*.

Na corrida da 5.ª classe, com o percurso de 7 milhas ou sejam duas voltas ao triangulo, tomaram parte o *Jom*, do sr. Joaquim Soares Franço; *A'lerta*, do sr. Hans Wunner; *Relampago*, do sr. George Bleck, e *Skip-Jack*, do sr. Duarte Holbeche. Ganharam o *Skip-Jack* e o *Relampago*.

Embarcações de remos.—Não se realizou a 1.ª corrida e na 2.ª apenas tomou parte a *Gabriella* do Real Club Naval de Lisboa, timonada pelo sr. Henrique Basto.

Na 3.ª corrida: *Pair oars*, tripulados por socios do Real Club Naval, tomaram parte os barcos *Alice* (á terra) e *Ave* (ao mar), o primeiro tripulado pelos srs. João Anjos, D. Eugenio e D. Luiz de Noronha, e o segundo pelos srs. João Roubaud, Carlos Penagueão e Francisco Santos. Ganhou a *Alice*.

4.ª corrida: Guigas de 4 remos, tripuladas por socios do Real Club Naval de Lisboa. Distancia meia milha. Correram a *Branca* (ao mar), tripuladas pelos srs. João Anjos, Bernardino Costa, João Loforte e Fragoso, e a *Mondego* (á terra), tendo como timoneiro o sr. Hypacio Amado e remadores os srs. Robocho da Costa, Alfredo Santos, Herculano Charneca e Alvaro Santos. Venceu a *Mondego*.

6.ª corrida: *Inriggers* de 4 remos (barcos moveis); premios, medalhas de «vermeil», do Real Club Naval de Lisboa; de prata, do Club Naval Madeirense, e de cobre, do Real Club Naval de Lisboa. Distancia uma milha. Correram: *Infante D. Manoel*, tendo por timoneiro o sr. Augusto Salgado; *Idalia*, timoneiro o sr. Henrique Bastos. O primeiro pertence ao Real Club Naval Infante D. Manoel e o segundo, que ganhou o premio, ao Real Club Naval de Lisboa.

7.ª corrida—Guigas de 4 remos, tripuladas por banhistas de Cascaes. Distancia, uma milha. Premios, objectos de arte offerecidos pelo Real Club Naval. Correram: a *Branca* (ao mar), timonada pelo sr. João

Rouband, e a *Mondego*, timonada pelo sr. João Anjos. Venceu a *Mondego*.

Natação

O campeonato da meia milha

Effectuou-se tambem na bahia de Cascaes no dia 6 do corrente o campeonato da meia milha. Era uma e meia da tarde quando se lançaram á agua os nadadores que disputavam a taça «D. Carlos I» e a medalha de ouro do Real Gymnasio Club.

O primeiro nadador a chegar á meta foi o sr. Eduardo Dumont Villares, que fez o percurso em 14 minutos e 29 segundos.

Uma prolongada ovação dos espectadores e o estalar de numerosas girandolas de foguetes premiou e annunciou a victoria do intrepido nadador.

Chegou depois o sr. Francisco Soares, do Real Club Naval, que luctou brilhantemente, pois que, apezar de se ter despistado um pouco, fez a meia milha em 15 minutos e 9 segundos.

O sr. Dumont Villares representava o Oporto Boating Club, a cuja direcção fica pertencendo durante um anno a taça «D. Carlos I».

Um «match» em Algés

Na praia de Algés realizou-se no mesmo dia um «match» de natação entre as sr.as D. Anna Monteiro, D. Florinda Lima e os srs. Affonso Jorge d'Aguiar e Julio da Silva Bastos.

Transpôz em primeiro logar a distancia do Dafundo a Pedrouços o sr. Affonso Jorge Aguiar, que gastou 40 minutos.

O festival maritimo de Cascaes

Do festival maritimo realizado no dia 13 na bahia de Cascaes, só a segunda parte do programma merece interesse sportivo:

Regatas de remos

A primeira corrida foi para canôas ou balieiras de 4 e 5 remos. Os premios eram medalhas de «vermeil», prata e cobre, da Liga Naval, um binoculo do Club Militar Naval e as quantias de 14$000 e 7$000 réis. Disputaram-nos as canôas de 5 remos do «yacht» *Amelia* e da canhoneira *Patria*, a canôa de 4 remos do *Lidador* e as balieiras de 5 remos do *S. Raphael*, *Vasco da Gama*, canhoneiras *Diu* e *Berrio* Chegaram, em primeiro logar, a balieira do *Berrio*, que attingiu a meta ás 3 horas e 7',50", em sshundo logar a canôa do *S. Raphael*, ás 3 horas e 7'54", e em terceiro a canôa da *Patria*, ás 3 horas e 7',56".

Na 2.ª corrida, para canôas ou balieiras de 6 remos, com premios da Sociedade de Geographia, medalhas de prata, «vermeil» e cobre e 16$000 réis, entraram as canôas do *D. Carlos*, da *Zambeze* e do *Pero de Alemquer* e as balieiras do *S. Raphael* e do *Vasco da Gama*. Em primeiro logar chegou a canôa da *Zambeze*, ás 3 horas e 16',25", cinco segundos mais

tarde a balieira do *Vasco da Gama* e dois segundos depois a canôa do *Pero de Alemquer*.

Na 3.ª corrida, escaleres de 12 remos, com medalhas de «vermeil», prata e cobre, offerecidas pela Sociedade de Geographia e pela Liga Naval, e com o premio pecuniario de 28$000 réis, inscreveram-se dois escaleres do *S. Raphael*, um dos quaes era timonado pelo sr. tenente Villar, chegando um em primeiro logar e outro em terceiro, e o escaler do *Vasco da Gama*, que chegou em segundo logar. O percurso para esta corrida foi de 2.000 metros.

Na 4.ª corrida, com medalha de «vermeil» para o timoneiro e medalhas de prata para a guarnição, offerecidas pela Sociedade de Geographia e Liga Naval, e a quantia de 35$000 réis, como premios, e as mesmas medalhas e 23$000 réis, como segundos, tomaram parte tres escaleres pertencentes ao *D. Carlos* e ao *D. Amelia*, dois do *S. Raphael*, dois da fragata *D. Fernando*, dois do *Pero de Alemquer*, um do corpo de marinheiros e um da *Diu*. Venceram: o escaler da *Diu*, que teve o primeiro premio e que chegou a meta ás 3 horas e 47′,14″; o do *D. Amelia* e um da *D. Fernando*, que gastou mais 2 segundos quo o da *Diu*. O escaler d'esta canhoneira conservará, por isso, em seu poder, durante um anno, a taça da Liga Naval.

A corrida de natação e o torneio de «water-polo»

Para a corrida de natação, inscreveram-se 3 marinheiros do *yacht* real *Amelia*, 3 do cruzador *D. Carlos*, 3 do cruzador *S. Raphael*, 3 do couraçado *Vasco*

da Gama, 3 da fragata *D. Fernando*, 3 da canhoneira-torpedeira *Tejo*, 3 da canhoneira *Diu*, 2 da canhoneira *Zaire*, 3 do transporte *Pero de Alemquer*, 3 do rebocador *Berrio*, 3 do rebocador *Lidador*, 3 do corpo de marinheiros, 3 da escola de torpedos e 1 do vapor *Fulminante*.

O percurso foi de 200 metros, arremesando-se os marinheiros á agua d'um pontão collocado defronte da praia do Mont'Estoril e alinhando da direita para a esquerda pela ordem alphabetica dos navios a que pertenciam. Ganharam os marinheiros 8:063, Joaquim Marques dos Santos, do *Pero de Alemquer*, o 1.º premio, medalha de prato e uma moeda de 10$000 réis do Club Militar Naval; 3:979, do *S. Raphael*, João Gallinha, o 2.º premio, medalha de prata; e 3:159, da *Tejo*, de nome Gervasio Fernandes, o 3.º premio, outra medalha de prata. Os vencedores foram acclamadissimos e saudados com prolongadas salvas de palmas.

O torneio de *water-polo* iniciou-se a seguir á corrida de natação. Em volta da pista, delimitada por quatro traves formando um rectangulo, agglomeraram-se innumeros barcos. Os marinheiros que tomaram parte no torneio defenderam-se com um ardor indescriptivel. Afinal, depois d'uma lucta insana, as duas equipes empataram. Toda a gente acclamou os marinheiros com delirio, succedendo-se sem interrupção, durante alguns minutos, as salvas de palmas e os bravos.

O POETA DA RAINHA

(CONTINUAÇÃO)

Então William sahiu do seu logar, onde estivera occulto na escuridão, e dirigiu-se para a carruagem que o aguardava.

Voltou a casa preoccupado do que acabava de ver,

Mas em verdade Minuit estava outro com o traje que vestia

maravilhado infinitamente de que um lacaio, e d'aquella especie, podesse ter alguma cousa de commum com Izabel Southampton, e fosse admittido a um colloquio secreto com ella. Por mais que pensasse não achava motivo para explicar este singularissimo acontecimento.

X

Ariella

Dentro em pouco appareceram os primeiros dramas de Shakspère *Pericles, Henrique VI, Othello, A tempestade*, e o grande escriptor de Inglaterra tornou-se o escriptor do povo.

O talento incompleto dirige-se a um pequeno numero, emquanto que o genio falla a todos. Prende os sentimentos universaes, vae direito ao coração e estimula as paixões que existem em germem no peito de todos os seres. Shakspère, no seu theatro, tinha de se haver com soldados e marujos que, escutando-o, fumavam no seu cachimbo e bebiam o seu copo de cerveja; e, apesar da elevação dos seus pensamentos e da philosophia de suas concepções, marujos e soldados logravam comprehendel-o e estimal-o.

E' porque Shakspère compunha um ser completo, corpo e alma; pelo espirito prendia-se á divindade creadora; pelos sentidos, fraternisava com a humanidade. Se era poeta, tambem era homem. Derramava os encantos da idealidade por todas as cousas materiaes e vulgares, mas imprimia a verdade do mundo real nas inspirações poeticas: ensinava o prazer da sciencia, mas tambem a sciencia do prazer. Desde o começo da sua carreira o appellidaram *poeta da lingua de mel.*

Em quanto o povo e os homens entendidos se enthusiasmavam com o moço escriptor, tramava-se con-

tra elle uma caballa, apparelhada pelos senhores da côrte.

A fidalguia ingleza, no reinado de Izabel, estava no apogêo das suas pretenções e na decadencia da sua força. Ella sentia instinctivamente a sua posição, presentia o termo do seu poderio, sem que propriamente se atrevesse a acredital-o; e tudo que se erguia de grande nas outras classes da sociedade lhe fazia sombra, lhe incutia um terror que ella transformava em perseguições arbitrarias e demasias do seu poder moribundo.

Nas obras de Shakspère já se viam sentimentos democraticos rebentarem em versos magnificos e insinuantes, e os grandes do reino votavam-lhe odio correspondente ao representante do povo, seu inimigo natural. Lord Clarisson estava entre elles, e ajuntava a seus sentimentos communs uma animosidade pessoal contra o escriptor, cujas obras admiraveis tinham feito esquecer os seus *Ensaios dramaticos*, fortalecendo assim esta opposição, e unindo á inveja a arma mais cortante do motejo e do desdem.

Shakspère contava pois contra si a raça senhorial, no meio da qual Henrique Southampton luctava em seu favor com todas as forças da sua amizade, e tinha pela sua parte o povo e a rainha, porque muitas vezes o povo e os reis dão-se as mãos por cima da cabeça da aristocracia, sua adversaria natural.

No meio de tudo isto, o poeta, insensivel a todos os ruidos exteriores, proseguia pacificamente a sua gloriosa carreira. Replicava simultaneamente á admiração e ao depreciamento, creando novos portentos

dramaticos. N'esta occasião escrevia o *Romeu e Julietta*.

Continuava a residir em casa da joven actriz. Debaixo do tecto da artista, a vida corria ligeira, occupada de trabalho, de poesia, de suaves affeições, de calor e luz.

Em Ariella havia-se operado uma mudança repentina desde a chegada nocturna do viajante perdido e molhado, que ella havia recebido. O amor tinha desenvolvido aquelle coração e aquella intelligencia, que só lhe bastou o estimulo para desabrochar.

Mas era sempre a mesma simples e boa creatura, de cara alegre e risonha, de palavras francas e cordeaes, de modos lhanos e chistosos; tinha, porém, adquirido mais finura de espirito, mais desenvolução nas idéas, e grande quantidade de noções do mundo moral se lhe haviam revelado. O seu talento dramatico, de subito erguido a uma altura prodigiosa para aquelles tempos, maravilhava, seduzia o publico, que então a recebia com enthusiasmo. Vivendo com Shakspère, a scentelha do fogo sagrado descera sobre ella.

N'este pequeno aposento em que o desarranjo e a pobreza assumiam as graças da juventude e se impregnavam da phantasia artistica, Ariella passava horas esquecidas, assentada n'uns coxins ao pé de Shakspère, a contemplal-o em silencio.

Emquanto elle escrevia, e que a sua mão fremente lançava ao papel caracteres rapidos que mal podiam acompanhar-lhe o impeto das idéas, seguia ella com a vista as expressões diversas e profundas que passa-

vam subitaneas por aquella bella fronte, e estas imagens gravavam-se em seu espirito.

Depois, quando chegava a vez da boa rapariga, ia-se ella sentar junto ao poeta, na poltrona de estructura gothica, onde se conservavam ambos, um proximo do outro. Ella arredava então os livros, os manuscriptos, os papeis rabiscados pelo poeta, e substituia-os pela garrafa de malvazia, com que se dessedentavam reciprocamente, e lançava sobre a cabeça de William uma ponta do seu véo, para que elle não desviasse d'ella os olhos, nem o pensamento; e assim, perto do seu coração, sob o fluido magico do seu olhar, repetia em voz baixa os versos dos seus papeis, que se modulavam e animavam n'esta atmosphera vivificante. Colligia as inspirações que irromperiam no theatro, onde accrescentaria então thesouros de paixão para arremessar ás turbas, que lhe corresponderiam com applausos e corôas.

No restante do dia, Ariella, viva, ligeira como os duendes que no dizer da tradicção veem pela velha enxerir-se nas occupações domesticas, bater a manteiga e fiar a estriga de estopa da fiandeira adormecida, vagueava pela casa, entertendo-se em preparar o jantar e o fato do hospede; depois ia apanhar fructa ou legumes ao jardimsinho, cantando distraidamente com a sua voz fresca e sonora.

Shakspère amava-a sem inquietações nem paixão, com uma ternura profunda e deliciosa. N'uma das suas melhores composições tinha elle posto o seu nome e as suas propensões no bello genio que ahi figurava.

Entre a morada da comediante e o palacio de lord Clarisson estendia-se um terreno longo, estreito e limitado de ambos os lados pelas ruinas de alguns muros pertencentes ao antigo claustro do convento dos Cartuxos, que se erguia n'outra época n'este sitio e que fôra demolido pela reforma.

O tempo tinha derrocado a parte superior d'estes muros, mas deixara-lhes ainda distinguir nos cimos cobertos de festões de trevo brotado das fisgas da pedra, pilastras de ogivas apoiadas umas sobre outras, e espiraes abraçadas de todas as partes por vergonteas de hera.

Este amontoado formado de restos magestosos e de ligeiras plantas parasitas era o espaço intermediario entre a residencia sumptuosa do fidalgo e a habitação humilde da pobre artista.

Ariella tinha-se apossado d'este terreno, e fizera d'elle um jardim para seu regalo Tinha-lhe posto latadas de flôres e de legumes, videiras, nogueiras, que a custo verdejavam encostadas a estes muros, e uma fonte, onde ella mesmo lavava os seus vestidos de theatro, os quaes estendia depois nos ramos das arvores, porque as actrizes d'este tempo viviam bem longe da opulencia que favorece as de nossos dias. A infancia da arte deixava os seus adeptos tambem na infancia da fortuna.

Um dia viu William voltar Ariella do jardim muito risonha, trazendo um bonito vaso e uma porção de renda.

— Vêde, disse ella, que lindo copo que pozeram lá em baixo, na borda da fonte, e que bella renda de

Bruxellas estava no logar do pobre veu de musselina que eu tinha posto a seccar em cima das parreiras. Foi uma galanteria de lord Clarisson.

Depois, examinando o rico tecido, accrescentou, rindo:

— Oh! foi uma bella rede que aquelle senhor estendeu para ver se apanhava a cotovia de que anda á caça ha tanto tempo, mas ainda não a apanhou d'esta.

— E como te pôz elle estas cousas no teu jardim? perguntou William.

— Entraram quando eu lá não estava, pela porta que d'antes estava morada e que agora está cahida, a qual dá para o parque de lord Clarisson.

N'este momento, Shakspère, que estava defronte da janella aberta d'este lado, viu passar atravez da folhagem do jardim do palacio, um penacho vermelho e preto, e bem depressa destacar-se da arêa d'uma rua a figura bem conhecida e detestada de Minuit.

— E' decerto aquelle homem o encarregado das mensagens do barão, disse elle, indicando-o a Ariella.

— E' Minuit, o estribeiro de lord Clarisson, de quem vos fallei.

— Ainda elle! exclamou William em voz baixa. Encontro-o por toda a parte no meu caminho! Encontro-o nos bosques, onde eu dormia tão pacificamente. e encontro-o depois no portal do palacio onde eu acabava de me enebriar de jubilo e esperanças, para me lançar sobre a doçura de taes momentos uma sombra lugubre! E ainda aqui, onde tudo devia ser para mim ventura e quietação, ainda aqui encontro este maldito que deixa apoz si um rasto de influencias funestas.

XI

O brasão do castello

Depois da primeira visita ao palacio Southampton, Shakspère tinha-as repetido com breves intervallos, e de cada vez que ahi ia recebia sempre o mesmo acolhimento de lord Southampton e de seu filho; e não poucas vezes até o velho conde havia procurado a honra de ter á sua meza o poeta applaudido pela sympathia publica.

Porém, estas doçuras não corriam sem mistura. N'aquelles salões frequentados pela flôr da fidalguia da capital, William via muitas vezes Henrique repartindo entre outros mancebos nobres a sua amisade que elle, pela sua parte, lhe consagrava toda inteira. E a presença continuada de lord Clarisson envenenava os instantes que alli passava. Shakspère via no barão o typo d'esta nobreza hostil para com elle, porque este senhor fôra o primeiro a quem havia conhecido hombridade insolente. Detestava-o como representante da classe inteira, e sobre tudo como futuro esposo de Isabel, posto que nada annunciasse por emquanto a effectuação de tal consorcio.

Junto de miss Southampton, William sentia-se sempre dobrar debaixo da força de seus encantos e preso pela mais irresistivel fascinação. Exultava com transporte das preferencias lisongeiras que ella não cessava de ter com elle, embora estivesse longe de satisfazer-lhe o coração. No meio da mais brilhante roda, os olhos de Isabel fixavam-se sempre n'elle, mas este

olhar era em extremo firme e demasiadamente ostensivo para amor. Quando lhe dirigia algumas palavras benevolentes, era em voz alta e sempre na presença de lord Clarisson. Se havia uma reunião no palacio, ella antecipava o convite que Henrique e o conde lhe fariam de certo; mas William quizera antes que ella desejasse a sua presença, do que a reclamasse d'este modo abertamente.

Ainda assim amava-a com todas as veras da alma: amava-a com este amor soberano que domina todos os outros affectos da mesma especie no curso da existencia: porque é bello ser grande homem, ser um genio; é bello ser atormentado pela necessidade de produzir e de impôr nossas obras aos outros; mas debaixo do sol da inspiração que devora a natureza humana, existe uma planta que permanece sempre viva sobre o terreno, e essa planta é o amor.

Uma tarde chegou Shakspère ao palacio Southampton, mesmo no momento em que o conde e seus filhos se dispunham a ir pelo Tamisa ao seu castello de Burgall, situado na margem do rio. Aguardava-os um batel atracado á praia, e convidaram o amigo de Henrique para os acompanhar na viagem.

Na occasião em que se iam a metter no barco, viram vir para elles a lord Clarisson seguido do seu estribeiro.

O barão vinha fazer parte da pequena viagem.

Emquanto os barqueiros punham a prancha de passar para bordo, o barão notou o olhar observador de Shakspère que se fixava em Minuit.

— Messire Shakspére, lhe disse elle, vós que pela

vossa dupla profissão de dramaturgo e actor, colheis tão bem o cunho de cada personagem, não vos parece que dei áquelle rapaz uma libré que lhe vae á maravilha? Não é verdade que aquelle fato negro como a noite, e vermelho como o fogo que a aclara, cabe bem ao seu nome de Minuit, e á sua cara sombria e maliciosa, com olhos rutilantes? Tomei-o ao meu serviço, em que accumula os encargos de estribeiro e de mordomo, porque foi guarda de florestas e viveu largo tempo com os animaes silvestres e por isso conhece admiravelmente a caça, talento ao qual ajunta o de preparar um punch com finissimo tacto. Dizem os do officio que lhe larga fogo tocando-lhe só com as pontas dos dedos, como o fazia Belzebuth em pessoa. Vamos, Belzebuth, accrescentou o barão, atirando ao estribeiro as redeas do cavallo, segura n'isto e volta a esperar-me no palacio.

A chalupa verde com graciosos arabescos de ouro, estava tão bem guarnecida de ramagens e flôres em roda da cinta, d'um oval esbelto, que dava a lembrar uma d'estas pequenas ilhas fluctuantes que singram nos grandes rios, levando comsigo todos os seus massiços da verdura.

Izabel não quiz que armassem o toldo, para não perder o effeito agradavel de alguns raios do sol tepidos e puros, que vinham brincar sobre as flôres: mas a joven dama, deitando o seu véu de musselina branca sobre os delgados mastros do batel, deu sombra á banqueta de velludo em que ia sentáda.

Perto d'ella havia outro logar do mesmo modo abrigado. No momento em que lord Clarisson ia occu-

pal-o, Isabel fez signal a Shakspère para se assentar ahi, e pôz-se logo a conversar com elle para não haver tempo de dirigir nem uma palavra de desculpa ao barão. Nem d'isso elle tinha precisão, porque não déra por tal desfavor: uma canôa de pesca passava n'esta conjunctura por diante do barco, e havia-o enlevado na vista d'um salmão magnifico que iam levar á terra.

Ao mesmo tempo, Henrique, de pé no meio da embarcação, observava o grupo gracioso da mulher e do filho do pescador que almejavam na praia por elle, entrando com as pernas pela agua dentro para irem mais breve ao seu encontro e mostravam mais alegria por verem o marido e o pae, do que da boa pesca que elle fizera.

— D'onde provém, disse o moço conde, que os pescadores são tão bons maridos que se diz proverbialmente: *vida da praia, vida santa.*

— E' talvez, respondeu lord Southampton, porque tendo sido os primeiros que receberam as palavras de Christo, conservam por isso melhor a tradição christã da uniformidade no amor.

— Seja como fôr, replicou Henrique: a sua reputação a este respeito é tão antiga, que no tempo dos saxonios a rainha Edwige, para se assegurar de achar um coração fiel, quiz casar com um pescador .. Não serias tu, minha cara Izabel, que sacrificarias assim a a classe á constancia.

— Quando se é rainha, respondeu ella, tanto monta casar com um pescador, como com um principe, por que não se póde subir mais, casando.

Shakspère, que estava junto d'ella, sentiu que um calafrio lhe percorria o corpo.

— Se a ambição, murmurou elle a meia voz, invadir a imaginação d'uma donzella até ao dia nupcial, que logar lhe ficará na existencia para o amor?

— Verdade seja, minha filha, disse lord Southampton, senão nos cazamos senão para conseguir mais um titulo, tu que, graças ao céu, és filha de fidalgos de antiga linhagem, com boa espada e boa fama, tu deverias alliar-te a um duque e par, e como o mais moço delles que nós vemos na côrte conta os seus sessenta annos, é indispensavel nomear um expressamente para ti.

— Muito bem; nomear-se-ha, respondeu ella rindo, e depois tornou-se pensativa.

Dentro em pouco chegaram a Burgall, sobre uma risonha praia, plantada de ricos ébanos, que o sol a esconder-se enchia de reflexos dourados.

— Como estas arvores são formosas, exclamou Isabel, com as suas alcachofras de flores de ouro surdindo do mais espesso das folhas! Este gasão verdejante e estrellado de florinhas que se lhes espalha aos pés, parece um espelho que os reflecte. Este sitio, ajuntou ella, dirigindo-se a lord Clarisson, lembra-me Warwsck-shire e particularmente as margens do Avon, por onde me acompanhastes uma vez n'uma noite bem similhante a esta.

O tom e o olhar de Isabel demonstravam que ella recordava uma occasião de verdadeiro interesse, talvez aquella em que, pela primeira vez, Clarisson lhe houvesse fallado de unirem seus destinos.

Comtudo, a indifferença do barão teve-se firme contra esta tentadora referencia, e respondeu-lhe friamente:

— Estas arvores apresentam com effeito alguma cousa dos ébanos de que lhes põem o nome e cobrem tão magestosamente as margens do Albany; mas aqui só tem uma vã apparencia, emquanto que na America as suas flôres cheiram suavemente e a sua madeira é preciosa.

— Não ha duvida, respondeu Isabel, que esta madeira se presta ás mais delicadas esculturas e ás mais finas incrustações. Haveis de vos lembrar que me mandastes das Indias um cofresinho que é um primor n'esse genero e que tanto aprecio, accrescentou ella com uma accentuação amarga, porque me serve para guardar o livro do *Peregrino apaixonado*, que o nosso grande poeta me deu.

O invulneravel fidalgo não foi mais accessivel á lancetada aguda d'estas palavras do que o fôra ás referencias acariciadoras que respiravam as precedentes; e, deixando esta conversa, disse vivamente a Shakspère:

— Messire Shakpère, dae-nos novas da representação de hontem. Como se sahiram os actores com os seus novos papeis?

E depois, não esperando pela resposta, ajuntou:

— E a *rainha das fadas*?

Era o papel de Ariella.

— Sempre a mesma, respondeu William: é o mais bello elogio que se lhe póde fazer.

— Ella é realmente de uma belleza maravilhosa, accrescentou Henrique.

A cara do barão irradiou a mais completa satisfação por esta opinião do mancebo e pelo prazer interior que sentia.

— Como se póde distinguir a belleza de uma rapariga de theatro? acudiu Isabel, aproveitando-se de responder a seu irmão, para desabafar a ira que accendia n'ella o nome de Ariella. Uma bonecra accrescentada ás decorações da madeira pintada; uma machina que vos põem diante dos olhos para vos divertir; um titere de carne e osso substituindo os de cartão, depois que as creanças, já maiores, exigem brinquedos mais aperfeiçoados.

— Assim é, exclamou Shakspère, esquecendo-se de que era Isabel que acabava de fallar. Ha olhos que vêem d'esse modo o theatro, que não distinguem a philosophia da scena, onde todas as cousas do mundo são lançadas ao philtro para depois se depurarem em essencia preciosa; que não veem no poema uma das faces caracteristicas dos destinos humanos offerecidas em imagens insinuantes, e no actor a representação viva de um dos typos que povoam a terra... Não é nada d'isto que veem: vêm só machinas sobre taboas!...

— Se a missão do actor é tão bella, replicou Isabel com a voz um pouco mais baixa, porque se dá o caso de ser unicamente gente do povo que a escolhe?

— Porque é do povo que saem todos os trabalhos e todas as creações. E' o povo que, desprovido de tudo, procurando por toda a parte os meios da existencia, trabalhando para satisfazer as suas necessidades, trabalha indirectamente para o aperfeiçoamento

universal. Constrangido a vellar, a meditar incessantemente na mesma obra, vae além muitas vezes dos limites dos processos triviaès, e attinge a inspiração. O espirito concentra-se no retiro, onde o prende a indigencia; e como uma longa applicação de tempo e de pensar n'um mesmo objecto faz descobrir-lhe os segredos, o artista nasce do operario. São os filhos do povo que, encadeados á sua occupação, chegam ao ultimo termo da sciencia, erguem os grandes monumentos, descobrem poderosas melodias, criam com o marmore ou a tella imagens que vivem seculos, e, procurando o pão quotidiano, encontram a immortalidade.

Dizendo estas palavras, o semblante de Shakspère tinha-se illuminado de um melancholico clarão que se harmonisava com a sua belleza severa. Não era possivel demorar a vista n'aquellas nobres feições sem experimentar o poder da impressão profunda e verdadeira que as animava n'este momento.

Tudo se calou em roda d'elle por alguns instantes; e Isabel, atravessando o grupo de ébanos debaixo de que se achavam n'esta occasião, apoiou-se-lhe no braço, um pouco mais do que o pedia a bondade do caminho.

N'essa noite, passada no castello de Burgoll, miss Southampton apresentou-se o mais resplandecente de formosura. Este edificio sumptuoso, de rica e antiga architectura, rodeado de immensos arvoredos, de lagos e estatuas, parecia feito de proposito para ella. Dir-se-hia que a joven soberana estava no seu verdadeiro elemento no meio d'este paraizo, onde tudo

era nobre como a sua fronte, virente e espairecido como a sua formosa mocidade.

O amor é ordinariamente proporcionado á indole do ser humano: a faculdade de amar toma a mesma medida que as grandes faculdades da intelligencia. Shakspère estava enamorado, não como um louco, o que seria bem pouca coisa, mas como um grande coração.

Passeando com Izabel, dando-lhe o braço em roda d'este bello parque, formava d'este passeio em sua alma um longo e magnifico poema.

Se ella se sentava á borda de uma fonte, entre a relva e as flôres, debaixo da cavidade de uma rocha coberta de conchas esmaltadas, via elle todos os objectos da natureza no seu conjuncto de graça, doçura e perfume, na harmonia inteira com a mulher amada. E quando á noite ella entrou no salão e lhe esparziu no lenço de assoar algumas gotas de essencia de um frasquinho que trazia ao pescoço, quizera elle poder-lhe dar a vida por esta gota d'agua volatil. Aquella mulher fazia-o sonhar uma d'essas dedicações taes como os grandes corações podem unicamente idear e cumprir.

No dia seguinte ergueu-se William muito cedo, para gosar todos os instantes que tinha de passar n'este sitio antes de regressar a Londres, onde os deveres da sua profissão o reclamavam ao meio-dia.

Atravessou o terrado que se estendia debaixo da janella do castello.

Charadas, enygmas e acrosticos

Mappa demonstrativo das decifrações do 5.º volume

1.º concorrente — Bohemio — 25 decifrações

Numero de ordem	DECIFRADORES
80	Bohémio, Alejoal, Padre Eterno, Gerimulhe, Açnarepse.
81	Bohémio, Alejoal, Padre Eterno, Gerimulhe, Açnarepse.
82	Bohémio, Alejoal, Padre Eterno, Gerimulhe, Açnarepse, Joça.
83	Bohémio, Alejoal, Gerimulhe.
84	Bohémio, Padre Eterno.
85	Alejoal, Padre Eterno, Gerimulhe.
86	Bohémio, Alejoal, Padre Eterno, Açnarepse.
87	Bohémio, Alejoal, Padre Eterno, Açnarepse.
88	Bohémio, Alejoal, Padre Eterno, Açnarepse.
89	Bohémio, Alejoal, Padre Eterno, Açnarepse, Joça.
90	Bohemio, Alejoal, Padre Eterno, Açnarepse, Gerimulhe.
91	Bohémio, Alejoal, Padre Eterno, Açnarepse, Gerimulhe.
92	Bohémio, Alejoal, Padre Eterno, Açnarepse, Gerimulhe.
93	Bohémio, Alejoal, Padre Eterno, Açnarepse, Gerimulhe.
94	Bohémio, Alejoal, Padre Eterno.
95	Bohémio, Alejoal, Padre Eterno, Açnarepse, Gerimulhe.
96	Bohémio, Alejoal, Padre Eterno, Gerimulhe.
97	Bohémio, Alejoal, Padre Eterno, Gerimulhe, Açnarepse.

Numero de ordem	DECIFRADORES
98	Bohémio, Alejoal, Padre Eterno, Gerimulhe.
99	Bohémio.
100	Bohémio, Alejoal, Padre Eterno.
101	Bohémio, Alejoal, Padre Eterno, Gerimulhe.
102	Bohémio, Alejoal, Padre Eterno, Gerimulhe, Açnarepse.
103	Bohémio, Alejoal, Padre Eterno, Gerimulhe, Açnarepse.
104	Bohémio, Alejoal, Padre Eterno, Gerimulhe, Açnarepse.
105	Bohemio, Alejoal, Padre Eterno, Gerimulhe, Açnarepse.

Recapitulação

Bohémio	25
Alejoal	24
Padre Eterno	24
Gerimulhe	18
Açnarepse	17
Joça	2

Decifrações do n.º 7

131, Reis. — 132, Enfastiado. — 133, Mil felicidades ao «Cosmos» e seus directores a quem cumprimento. — 134, Commissionado. — 135, Rodovalho. — 136, Bésta-besta, — 137, Quem torto nasce tarde ou nunca se endireita. — 138, Eolo, rei dos ventos. — 140, Ternura. — 141, Tono-tona. — 142, Pangaio-pangaia. — 143, Alijó-alijó. — 144, Tibio-tibia. — 145, Cachucho-caohucha. — 146, Solar-ralar, — 147, Paca-capa. — 148, Scalabis. — 149, Tomilho. — 150, Tancredo. — 151, Garça-sarça. — 152, Cação-acção. — 153, Méco-eco. — 154, Ancião. — 155, Arruda dos Vinhos. — 156, Macedo de Cavalleiros.

Decifradores

Alejoal, Padre Eterno, Camillo, Bohémio. Azuos, Luthero, Zé Povinho.

GETTY RESEARCH INSTITUTE
3 3125 01513 9484

Annuncios

para intercalar no texto por contracto especial.

Concurso:

A direcção do **Cosmos** recebe até ao domingo de Paschoela, os contos, originaes seus, que os alumnos dos lyceus e dos collegios de instrucção secundaria queiram enviar-lh'a.

Um jury especial fará a classificação d'esses contos e a cada um dos auctores dos tres primeiros classificados como melhores será offerecido um objecto d'arte.

Aos nossos assignantes e agentes

As assignaturas são pagas adiantadamente.

As liquidações dos nossos estimaveis agentes são feitas mensalmente, sendo suspensas as remessas logo que deixe de se attender esta observação, para regularidade dos serviços administrativos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a **Adolpho de Mendonça—Rua do Corpo Santo, 46-48—LISBOA.**